Obras Completas de A. F. de Castilho

3 1761 07044969 9

PQ
9261
C34C3
1906
v.4

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
LITTERARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
95, P. Augusta, 95 | 46, P. Ivens, 47
LISBOA

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/camesestudohis04cast

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 32.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I—Amor e melancolia.
II—A chave do enigma.
III—Cartas de Ecco e Narciso.
IV—Felicidade pela Agricultura (1.º vol.)
V—Felicidade pela Agricultura (2.º vol.)
VI—A primavera (1.º vol.)
VII—A primavera (2.º vol.)
VIII—Vivos e mortos—Apreciações moraes, literarias, e artisticas (1.º vol.)
IX—Vivos e mortos (2.º vol.)
X—Vivos e mortos (3.º vol.)
XI—Vivos e mortos (4.º vol.)
XII—Vivos e mortos (5.º vol.)
XIII—Vivos e mortos (6.º vol.)
XIV—Vivos e mortos (7.º vol.)
XV—Vivos e mortos (8.º vol.)
XVI—Excavações poeticas (1.º vol.)
XVII—Excavações poeticas (2.º vol.)
XVIII—Excavações poeticas (3.º vol.)
XIX—O Presbyterio da montanha (1.º vol.)
XX—O Presbyterio da montanha (2.º vol.)
XXI—O Outono (1.º vol.)
XXII—O Outono (2.º vol.)
XXIII—Quadros historicos de Portugal (1.º v.)
XXIV—Quadros historicos de Portugal (2.º v.)
XXV—Quadros historicos de Portugal (3.º v.)
XXVI—Quadros historicos de Portugal (4.º v.)
XXVII—Novas excavações poeticas (1.º vol.)
XXVIII—Novas excavações poeticas (2.º vol.)
XXIX—Camões, drama (1.º vol.)
XXX—Camões, notas (2.º vol.)
XXXI—Camões, notas (3.º vol.)
XXXII—Camões, notas (4.º vol.)

NO PRÉLO:

XXXIII—Canáce, tragedia original.

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

XXXII

CAMÕES

ESTUDO HISTORICO-POETICO

LIBERRIMAMENTE FUNDADO
SOBRE UM DRAMA FRANCEZ
DOS SNRS.

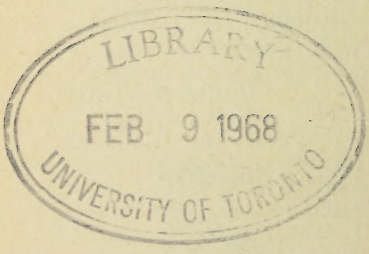
VICTOR PERROT e ARMAND DUMESNIL

3.ª EDIÇÃO PORTUGUEZA

VOLUME IV

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora
LIVRARIA MODERNA — Rua Augusta, 95 | TYPOGRAPHIA — 45, Rua Ivens
1906

PQ
9261
C34C3
1906
v.4



LOGARES MEMORAVEIS

Additamento de Julio de Castilho á Nota XXII do volume antecedente

Em 29 de Julho de 1904 publicava o *Diario de Noticias* o seguinte artigo:

Casa onde morreu o Poeta Visconde de Castilho

«Para a conclusão da capella que o snr. Marquez do Fayal está construindo no seu palacio na rua do Sol ao Rato, está sendo demolida uma parte do predio n'aquella rua com o n.º 142 [1], onde falleceu Antonio Feliciano de Castilho, e do qual damos hoje a gravura.

«Sobre a porta principal da propriedade mandou a Camara Municipal collocar ha annos uma lapide com a seguinte inscripção:

«*Aos 18 de Junho de 1875 falleceu n'esta casa o distincto Poeta portuguez, Antonio Feliciano de Castilho, 1.º Visconde de Castilho, propugnador incansavel da instrucção popular, e autor do Methodo portuguez.*

«Seria já arrazado o quarto onde expirou o primoroso Poeta, ou ficará ainda existindo na parte não demolida?»

---

[1] Engano typographico; o predio é 124.

*

Em 1 ou 2 de Agosto soube da existencia d'este artigo em casa de um meu velho amigo; corri á tabacaria Monaco, mas não pude já alcançar o *Diario* de 29; o snr. Cruz teve a bondade de mandar um caixeiro correr os kiosques do Rocio, mas debalde.

Só no dia seguinte consegui obter de um meu excellente visinho e provado amigo o que desejava. Fiquei consternado; ¿mas que podia? nada absolutamente.

No dia 5 dizia o jornal *O Seculo,* relatando a sessão da Camara Municipal:

«Visconde de Castilho. — O snr. Conselheiro Carvalho Pessoa chamou a attenção da Camara, lamentando o facto de ser retirada a lapide que existia no predio que se está demolindo, e onde falleceu o eminente Poeta Visconde de Castilho, na rua do Sol ao Rato. Por informações, soube que a referida propriedade pertence hoje ao sr. Duque de Palmella, que deseja n'aquelle local construir uma capella.

«Suppõe que o snr. Duque ignora o facto da existencia da lapide, por quanto o desvelado criterio, alevantado caracter, e comprovado patriotismo de S. E. de certo se oporiam á destruição da referida lapide, alto testemunho da consideração e respeito pela memoria d'aquelle Poeta. Pede, pois, que se officie ao sr. Duque de Palmella, pedindo a conservação da lapide n'aquelle local; ao que a Camara annuiu.»

Tive conhecimento d'esta noticia no dia 8, e entendi de meu dever escrever ao snr. Conselheiro Carvalho Pessoa, congratulando-me com elle pela nobreza do seu acto. Dignou-se de me responder do modo mais amavel.

*

O jornal *O Seculo* noticiava em 12 o seguinte, sob o titulo

Lapides commemorativas

«O snr. Conselheiro Carvalho Pessoa, no empenho de salvaguardar de qualquer destruição as lapides collocadas em differentes predios da cidade, commemorando factos historicos, ou perpetuando a memoria de cidadãos, propôz que á Camara fosse urgentemente fornecida pela 3.ª Repartição uma nota dos predios, em cujas paredes haja quaesquer lapides commemorativas, a fim de serem convidados os respectivos proprietarios a accordarem com a Camara a forma de se garantir a conservação d'aquellas lapides, constituindo mesmo um encargo da propriedade, que assim será registada. A Camara approvou esta proposta, dando-se em seguida ordem para ser fornecida a nota pedida.»

*

Com effeito, a necessidade de uma Lei, que declare monumentos *nacionaes* os predios assignalados pelas Camaras impõe-se á opinião publica. ¿E' difficil de formular?

talvez; mas a difficuldade não significa impossibilidade. Essa Lei deveria impôr aos successivos proprietarios o venerarem e conservarem esses predios. Sem ella, tanto vale que se assignale um sitio, como não. A Camara protestou contra esta demolição; mas por outra parte consentiu, visto que para o arrazamento do fragmento mais nobre da casa da rua do Sol lhe foi pedida a autorisação indispensavel, que ella não negou. A consequencia d'esta anarchia é o absurdo.

Bem o sentiu o jornal *O Seculo* publicando no seu logar de honra, logo a 13 de Agosto de 1904, um sensato artigo, intitulado *O culto do passado*.

*

Como tinha sido proposto pelo Vereador o snr. Carvalho Pessoa, a Camara officiou ao snr. Duque de Palmella; e diz *O Seculo* de 19:

«Visconde de Castilho. — Em resposta a um officio que recebêra da Camara, em virtude da proposta feita na sessão anterior pelo snr. Conselheiro Carvalho Pessoa para não ser retirada a lapide commemorativa do fallecimento do Visconde de Castilho existente n'um predio em obras pertencente ao snr. Duque de Palmella, foi lida em sessão uma carta do snr. Duque, declarando ter sido sempre sua intenção conservar a alludida lapide como homenagem ao grande Poeta.

«O snr. Conselheiro Carvalho Pessoa pediu que se mandasse agradecer ao nobre titular a sua resposta e que nunca existiu qualquer

duvida com respeito ao patriotismo e elevação de caracter do sr. Duque, que a Camara tem na mais alta consideração.

«A Camara approvou esta proposta por acclamação.»

O snr. Duque de Palmella fez-me a honra de se me dirigir em 14 com a seguinte carta:

«..... Snr.

«Inclusa achará V. uma copia do Officio que dirigi á Camara Municipal de Lisboa em 12 d'este mez em resposta ao que o Vice-presidente da mesma Camara me dirigiu em 11 communicando-me o pedido da Camara, que V. de certo conhece pois foi publicado em extracto da sessão da mesma Camara.

«A V. direi que a Lapide commemorativa do Egregio Poeta o Exmo Snr. Visconde de Castilho está e ha-de ficar para sempre no mesmo local em que foi collocada.

«Sou De V.
«m.^to^ respeitador e obg.^do^ cr.^o^

«*Duque de Palmella.*»

«Cintra 14 de Agosto de 1904.»

«Copia. — Illmo e Exmo Snr. — Accusando a recepção do officio de V. Ex.ª de dez do corrente, cabe-me responder que não posso saber que motivo haveria para o pedido que se me faz, visto que pela edificação de

que se trata, como facilmente poderia verificar essa Ex.ma Camara, não se contende com a lapide allusiva ao egregio poeta Antonio Feliciano de Castilho, a cuja memoria nunca deixei de prestar a devida homenagem. Esperando, portanto, melhor occasião para poder acolher qualquer outro pedido de V. Ex.a, ou da Ex.ma Camara da sua digna presidencia, deixo explicada a rasão por que não tenho de attender ao actual pedido. — Deus Guarde a V. Ex.a — Cintra doze de Agosto de mil novecentos e quatro. — Ill.mo e Ex.mo Snr. Theodoro Ferreira Pinto Basto, Dignissimo Vice-Presidente da Camara Municipal de Lisboa — (a) *Duque de Palmella.*

*

A' vista d'este officio e d'esta carta, soceguei, porque, não tendo examinado as obras por meus olhos, me fiei plenamente, como devia, nas espontaneas palavras do snr. Duque a mim, e (sobre tudo) no tom em que S. E. se dirige á Camara Municipal. Esse tom significava talvez a legitima indignação de um homem immerecidamente suspeito de vandalismo. Nas entrelinhas da carta, e nas do officio, lê-se (ou muito me engano) o que quer que seja como isto: «E' precipitado e injusto quem pensa que eu fosse capaz de commetter um desacato historico e artistico. A lapide está, e ha-de ficar para sempre, no sitio onde foi collocada; isto é: se respeitei a lapide, que era uma superfetação, um accessorio, muito mais respeitarei o predio,

que era para grande numero dos meus concidadãos um monumento de Lisboa.»

Sim; soceguei de todo, e julguei fazer justiça ao snr. Duque, attribuindo á Camara uma tal qual leviandade no seu acto.

Escrevi a S. E. o seguinte:

«Ill.mo e Ex.mo Snr.

«N'este momento recebo a carta de V. E. datada de hontem, com a copia do seu officio á Camara Municipal de Lisboa em 12 do corrente

«Por intermedio de um amigo soube o que disseram os jornaes ácerca do arrancamento da lapide da casa mortuaria de meu Pae, e da edificação a que V. E. ahi estava procedendo. Confesso que tenho passado uns días amargurados; a carta de V. E. socega-me, e por isso lh'a agradeço.

«Sou De V. E.
m.to respeitador e ob.do cr.o

Lumiar—15 de Agosto de 1904.

Visconde de Castilho.»

*

N'este ponto se estava, quando em 24 de Agosto me entra em casa um amigo, e pergunta-me:

— ¿Não ficou V. muito sentido com o que se acaba de passar? ¿Não lhe doeu muito a demolição de grande parte da casa da rua do Sol?

Respondi:

— Certamente me affligi; mas hoje estou

descançado, visto que nada chegou a demolir-se, como V. julga. Respeitaram a lapide; se respeitaram a lapide, respeitaram a casa.

O amigo então, á vista de um desenho do mesmo predio, mostrou-me que mais de uma terça parte, para a banda do sul, ou nascente, jazia em ruinas, segundo elle, passando por lá, acabava de verificar. A minha pena foi enorme, e indescriptivel. Dirigi logo ao snr. Duque de Palmella esta carta de protesto:

«Ill.mo e Ex.mo Snr.

«Na minha carta de 15 do corrente, á vista das palavras de V. E., dizia eu com satisfação sincera, que socegára nos sustos em que estava a respeito do predio da rua do Sol, onde falleceu Castilho. Hoje devo dizer que torno a estar cheio de desgosto.

«O caso reduz-se ao seguinte:

«Tornou-se V. E., por compra, dono do predio; entendeu fazer obras; começou-as. Em 29 de Julho ultimo o *Diario de Noticias*, em tom respeitoso e timido, dava conta do facto, e perguntava: «¿Seria já arrazado o quarto onde expirou o primoroso Poeta, ou ficará ainda existindo na parte não demolida?»

«Eu, que não leio jornaes, porque o meu tempo é muito occupado nos meus estudos, e que vivo longe de Lisboa, só soube d'aquelle artigo dias depois de publicado. Não me pude convencer de que V. E. destruisse a casa; um amigo trouxe-me *O Seculo* de 5 do corrente, e n'elle vi que o Vereador Carvalho Pessoa pedia se officiasse a V. E. in-

tercedendo para a conservação da lapide commemorativa. Em 14 honrou-me V. E. espontaneamente com uma carta, dizendo-me que a lapide *está, e ha-de ficar para sempre, no mesmo logar em que foi collocada.*

«Deprehendi d'essas palavras, comparadas com o tom geral do officio de V. E. á Camara, documento cuja copia me enviava, estas consequencias:

«1.ª — que o *Diario de Noticias*, por mal informado, tinha sem querer exagerado os successos, não se tratando de *demolição* de parte alguma da casa;

«2.ª — que V. E , como Portuguez, e como homem illustrado, dava o devido apreço a um sitio consagrado pelo Municipio;

«3.ª — que, respeitando a lapide, como o affirmava com tanta verdade e desassombro, muito mais respeitaria aquellas paredes, interessantes a todos os que presam Letras;

«4.ª — logo, que a lapide e o predio ficariam intactos.

«Confesso que não fui verificar por meus olhos o que lá estavam fazendo os pedreiros, porque desde 19 de Junho de 1875 nunca mais passei na rua do Sol; mas hontem soube, por informação authentica, ter sido demolida mais da terça parte da casa para a banda do nascente, isto é, para a banda inferior da rua; a saber: as duas janellas gradeadas da loja, as duas de peitos da sobreloja, as duas sacadas do 1.º andar, e as duas de peitos do andar superior; quer dizer: a picareta dos inconscientes operarios de V. E. destruiu o quarto onde meu Pae fal-

leceu em 18 de Junho. Esta noticia foi para mim um desgôsto enorme; estou habituado a venerar estas coisas historicas, e doe-me do fundo d'alma vel-as destruidas.

«Dir-me-hão: «Mas a lapide lá está.»

«Respondo:

«Sim, a lapide lá está; mas a lapide era o menos; era ali um simples accessorio; o assumpto principal, o mais respeitavel, era o predio; e n'elle, o santuario que devia ser conservado a todo o transe, era a 2.ª sala da sobreloja, onde foi a livraria, e onde meu Pae mandou nas ultimas semanas collocar o seu leito, e falleceu entre os seus livros, quasi todos amigos de infancia.

«Ha mais: se aquella residencia merecia apreciada por ter sido a ultima de um benemerito, tinha tambem em seu favor outras circumstancias: em 27 de Junho de 1859 ali estiveram Suas Majestades el-Rei D. Pedro e a senhora D. Estephania, acompanhados da Dama Camarista Condessa de Oeynhausen, do Camarista Conde de Linhares, de D. Carlos de Mascarenhas Ajudante de campo, e do Secretario Major Joaquim Pinheiro das Chagas; em 8 de Março de 1872 ahi esteve Sua Majestade o Imperador do Brazil, acompanhado do seu Camarista Barão de Itaúna, e do seu Ministro plenipotenciario Barão de Japurá.

«V. E. de certo desconhecia tudo isso; e foi grande lástima que tal succedesse, porque os exemplos, partindo de tão alto, arrastam a opinião, e augmentam o desamor aos padrões historicos. Se eu tivesse podido adivinhar, suspeitar, o que estava para suc-

ceder, teria procurado a V. E., e ter-lhe-hia ponderado respeitosamente estas considerações.

«Reconheço que V. E. está no seu pleno e plenissimo direito *legal* demolindo ali o que quizer; mas isso não impede o meu profundissimo dissabor. No capitulo respectivo do meu livro *Memorias de Castilho* hei-de ser constrangido a tratar detidamente o ponto. Isso, a minha literatura, a minha dor, as minhas considerações, pouco podem interessar a V. E.; mas hão-de interessar a muitas outras pessoas. Será o meu unico protesto possivel, perante a opinião, contra os mestres de obras e operarios da Casa Palmella.

«Sou De V. E.
m.to att.o ven.or

Lumiar—24 de Agosto de 1904. *V. de Castilho.*

*

Essa missiva (claro está) não obteve a minima resposta. Nem Cicero saberia replicar-lhe. O silencio do Duque era logico. Contrista, mas não espanta.

Entretanto, como a afronta foi publica, o desagravo tambem o deve ser: e não me dirigindo já ao snr. Duque de Palmella, nem ao snr. Marquez do Fayal (apesar de que um dos dois é o autor da demolição), dedicarei a todos os Portuguezes amantes de Letras mais algumas considerações, que possam servir de guia a futuros demolidores.

*

Foi Castilho o primeiro, que entre nós advogou, e muita vez, em livros, em artigos, em representações ás Camaras, a collocação de lapides commemorativas nos logares celebres de Lisboa. Se se tivesse pensado n'isso ha seculos, ¡ quantos sitios notaveis conheceriamos hoje, ligados á nossa Historia politica, militar, e literaria! Alguma coisa se fez antigamente, mas pouquissimo. O padrão do Campo-pequeno é um exemplo esporádico. Parece que a prioridade chronologica deveria pugnar em favor de Castilho, e que as suas memorias deveriam conservar-se; mas tal não succedeu. E' que a indifferença de que nos accusam, ainda se mantém; é que a onda devastadora é ainda poderosa.

O culto do passado, como ensino ao presente e incitamento ao futuro, o respeito quasi religioso ás glorias nacionaes, suppõe um estado de cultura e adiantamento intellectual, que nem todos possuem, nem sequer (por desgraça) os que são legisladores e teem assento nos Parlamentos, dirigentes natos da opinião. Quem meditar n'estas materias, deve convencer-se de que a presença de um Vivo notavel é muito, mas de que a presença espiritual de um Morto consagrado é muito mais.

A historia de uma cidade illustra-se pelas suas memorias intimas; conserval-as na tradição oral não basta; é indispensavel assignalal-as por meio de padrões, que falem ao Povo. Eis ahi um dever das Camaras municipaes, dos Governos civís, dos Ministerios,

e dos particulares. A lembrança dos Cidadãos que souberam elevar-se a cima da craveira usual, communica aos logares onde elles nasceram, viveram, ou morreram, um *quid* sagrado especial; é a intellectualidade a animar o inanimado. A lapide memorativa d'esses factos assume uma eloquencia muda, que nos repassa. Graças a ella, o sitio passa a ser um pregão de gloria.

*

Uma Camara Municipal manda collocar uma lapide em tal ou tal predio. ¿ Isso que significa? significa ter esse predio sido julgado digno de apreço geral. E' como se a Camara, zeladora dos interesses dos seus municipes, dissesse ao Publico:

—Em nome da communidade, nós, que a representamos, entendemos que o ter aqui nascido, ou habitado, ou fallecido, tal ou tal personagem historico, literario, politico, ou militar, communicou a estes logares, a estas paredes, a esta argamassa, a estes sobrados, a estas salas, uma valia moral que nada d'isso possuia. A Sombra d'esse homem, que nós, em nome da Nação, julgamos benemerito, proteje o edificio; a parte immorredoira d'esse Desapparecido continúa a residir aqui. Se os seus restos mortaes são sagrados e inviolaveis na mansão dos mortos, a sua lembrança deve ser inviolavel entre os vivos. Os successivos proprietarios do edificio terão por grande honra isso de serem depositarios (embora casuaes) de um pensamento que interessa a todos. O que elles

compraram é nada; o que elles não compraram, porque o não podiam pagar, é tudo. A casa nobilitada pelo Morto continúa a nobilitar a Cidade, e nobilita-os a elles. A nossa lapide é uma immunidade. Demos o exemplo, e esperamos que o sigam.

*

Com effeito é universal, é de todas as civilisações, a tendencia de prestar uma especie de culto terrestre aos homens que em cada Paiz se distinguiram, já por virtude, já por sciencia, já por letras, já por valor pessoal. Esse culto manifesta-se erguendo-lhes mausoleos, columnas, arcos triumphaes, publicando-lhes as obras, pintando-lhes e esculpindo-lhes as feições, dando o seu nome a ruas, a estabelecimentos uteis, a cidades, e, emfim, assignalando os logares que elles illustraram com a sua presença. E' isso, e tem sido sempre, uma forma da gratidão. Atacar por qualquer modo esse culto, é attentar contra as decisões da opinião geral; e muita vez a opinião indigna-se e protesta.

Se um pobre tendeiro da rua do Sol, enriquecido a vender honestamente manteiga e arroz, mas estranho a todas as tendencias do Bello, houvesse commettido o desacato que vemos, haveria quem o exprobrasse; e elle, inconsciente do mal que praticára, não comprehenderia a censura. Como se trata de um homem altamente collocado pela sorte, ede uma familia influente e poderosa, todos se calam. Sirvam estas linhas para mostrar, que houve uma voz (além da do snr. Carvalho Pessoa) que ousou lavrar protesto, e que

houve um coração... que verteu sangue.

Por um lado, é já logar commum o lamentarmos a ignorancia geral a respeito dos nossos avoengos illustres, a ponto de termos deixado que um Gil Vicente, um Camões, ¡e quantos! sejam problemas para sempre irresoluveis. Por outro lado, em pleno seculo xx, e depois de tantas lições, continuamos a collaborar na incuria do nossos maiores. E note-se: na demolição barbara do santuario (por assim dizer) do predio da rua do Sol, não se obliteraram só memorias de um pobre poeta que deu todo o seu trabalho, todo o seu talento, toda a sua alma, todo o seu coração, toda a sua vida, ao seu Paiz; insultaram-se recordações da santa Rainha D. Estephania, do bondoso Rei D. Pedro V, e do grande Imperador D. Pedro II. ¿ E quem fez isso? ¿algum demagógo? ¿ algum destruidor por indole e officio? não: um conservador, um monarchico, um Grande, um Duque.

Podia o snr. Duque de Palmella ignorar essas circumstancias; podia não ter lido a lapide, que era o brasão da casa; podia; o que admira é que entre as suas relações não houvesse uma voz que o admoestasse e aconselhasse.

Castilho (certo é), como todos os homens da sua estatura intellectual, teve inimigos, teve e tem detractores, que folgarão talvez de que os seus vestigios no mundo sejam apagados; mas não compete ao snr. Duque bandear-se com esses malignos, que não são da sua egualha; deixe isso para outros; a illustração de S. E. não lh'o consente,

Como membro, embora adoptivo, da Casa Palmella, tem o dever de zelar as glorias da terra em que nasceu, e talvez tambem a do *egregio Poeta* (como S. E. não duvida chamar-lhe), a cuja memoria declara á Camar nunca ter deixado *de prestar a devida homenagem.*

*

A propriedade garantida pelos Códigos, tem limites imprescriptiveis. Um ignorante, só porque possue dobrões, não tem direito de comprar a casa de Camões, e demolil-a, a casa de Garrett, e demolil-a, a casa de Herculano, e demolil-a, a columna do Campo-Pequeno, e demolil-a, a casa de Innocencio, e demolil-a. E um homem rico, illustrado, apreciador de artes, ainda menos tem esse direito do que o rude e boçal.

Lá fora, quando o lapis do engenheiro traça avenidas, que teem de rasgar um bairro velho, muita vez desvia a linha em homenagem a um nome, e só para evitar demolições excusadas. Aqui, parece que a pontaria do lapis, do tira-linhas, e do compasso, busca de proposito apagar memorias vetustas.

No presente caso (eis ahi a agravante) não se tratava de uma rua ou avenida de utilidade publica; tratava-se de uma simples veleidade, de um capricho pessoal; queria-se edificar uma capella, que uns metros a baixo, uns met os mais dentro, ficaria egualmente bem.

Se a fortuna me tivesse bafejado, tinha ha muitos annos comprado aquelle predio, ti-

nha installado ali uma escola, e um museu castiliano. Se a minha intenção, por ser intenção apenas, não merece louvor, a demolição que ali se perpetrou merece, como facto consumado, a reprovação de toda a gente sensata.

Ninguem tem obrigação de se distinguir por talentos extraordinarios; todos porém a teem de amar o nome da sua terra, e respeitar-lhe as tradições. Destruir é facil; edificar coisa que se admire, é difficil. Omar e Eróstrato valem bem menos que um obscuro constructor de cabanas. A familia *Bota-abaixo* é antiga como o mundo, mas falta-lhe a nobreza, porque não tem serviços nem illustração.

*

No nosso tempo moderno, em que os laços da familia se espedaçaram com a vida dissipada e frivola que reina em toda a parte; quando as tradições do sangue se romperam com a abolição dos vinculos; quando ninguem já sabe, nem quer saber, quem foram seus avós, a muito poucos corações doem já as dores da familia. O solipsismo impera. Ninguem é já, na sua geração, solidario com as anteriores gerações.

Menor sería o mal, se a essa lacuna, assim deixada pelo arrazamento da familia como instituição, se houvesse substituido o amor ás tradições da Patria, e se cada homem grande, que não tivesse já o seu sangue a represental-o, achasse nos extranhos a sua gente. Mas infelizmente não é assim, a Patria esquece os seus mortos. ¿Que resta

pois? apenas os brados individuaes, os gemidos isolados. Por isso tive de tomar esta attitude em frente do snr. Duque de Palmella.

*

Entenda-se porém; não tenho contra S. E. a minima animosidade pessoal. Considero-o (como toda a gente) um homem de bem; devo-lhe o favor de me ter sempre offerecido espontaneamente as obras que manda publicar; mas não o conheço, porque não chamo *conhecer* ter-lhe falado não mais talvez de duas vezes. Não o ataco; defendo-me; o agressor não fui eu. Se fui violento, não tenho culpa; estava no meu direito de amador do passado, de Portuguez, e de filho.

> Cada qual com valor faça o que deve,
> porque de quem mal obra mal se escreve,

diz o *Viriato tragico.*

*

Houve em França, depois da revolução do fim do seculo XVIII, uma associação sinistra, a chamada *bande-noire*, empenhada em comprar e demolir todas as nobres memorias da velha e gloriosa França, castellos, conventos, ermidas, palacios, quaesquer padrões que lembrassem o regimen antigo. Não arrazou tudo, mas arrazou muitissimo. Hoje, processada na ultima instancia da opinião, vive só nas recordações ominosas d'aquelle tempo anormal.

O snr. Duque certamente, não se filiou em nenhuma cohorte lugubre d'esse genero; é pessoa ponderada, ordeira, instruida, e vive n'um periodo de paz podre. E no emtanto (aqui reside o maior mal) pode com o seu exemplo, com o seu alamiré, acender o rastilho de odios ás tradições, mais desbragados ainda do que já campeiam.

¿E tudo por quê? por uma capella, que podia construir-se mais dentro, ou mais a baixo. Lá dizia o grande D. José Zorrilla:

creyendo que con rezar
todo pecado se lava.

Alguem, para me consolar, observava-me:

— Deve alegral-o saber, que no sitio exacto da livraria de Castilho, no sitio exacto onde elle falleceu, se edificou uma capella.

Respondi:

— Perdão: a camara mortuaria desappareceu; e, em logar da parte mais nobre do predio, abriu-se uma viella, um beco com sahida, uma passagem, uma garganta, um estreito, ou como melhor nome haja: e a nova ermida ficou em distancia.

*

Peço licença para notar uma coisa aos fabricantes de interpretações:

Como catholico fervente que me préso de ser, louvo sempre quem abre a culto um templo novo. A egreja vale ainda mais que a escola. Louvaria sempre a Casa Palmella pela fundação do seu edículo, se n'este caso

especial as circumstancias m'o não impedissem. A intenção foi boa; o acto foi desastrado.

Não sei o Orago que lhe impozeram. Se eu fosse consultado (que nem fui nem tinha de o ser) proporia uma invocação adequada e frisante: NOSSA SENHORA DAS SAUDADES.

Lumiar — dia de finados
de 1905.

JULIO DE CASTILHO.

Observações e additamentos dos Editores ás Notas de Castilho

VOLUME II

OBSERVAÇÕES A' NOTA I

Pag. 7 — João Caetano dos Santos

Esse notavel actor brazileiro foi admirado em Lisboa, representando, e muito bem, no theatro de D. Maria II varias vezes. Com quanto a sua maneira de recitação fosse antiquada e um tanto emphatica, era correcta e cheia de nobreza. A voz do actor, e a sua estatura alta e distincta, davam todo o realce aos papeis em que elle entrava. São as recordações que nos deixou.

Não admira pois que a sua interpretação do Camões excitasse tamanhos applausos no Rio de Janeiro perante o auditorio intelligente que o acclamou tantas noites a fio.

Segundo nos informam, era João Caetano caracter franco, generoso até á prodigalidade, devotado á sua arte, e sacrificando-lhe tudo. Teve emulos, que o incommodaram, mas a opinião publica via n'esse homem uma das glorias do Brazil.

*
* *

Pag. 12 — Dionisio Vega

A symphonia expressamente composta por esse mestre para as representações do *Camões*, foi pelo autor enviada a Castilho. O manuscrito foi por um dos filhos do Poeta offerecido á collecção camoniana da Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde de certo se encontra.

*
* *

Pag. 19 — Corôas

As que João Caetano dos Santos remetteu a Castilho conservaram-se muitos annos, até que foram cahindo em ruina. Eram de velludo verde avivado de oiro, e figuravam ramadas de loiro entremeadas de bagas doiradas. De cada corôa sahiam fitas de seda brancas e azues com franja de oiro.

A carta com que o grande actor as offereceu é esta:

«Ex.mo Snr. A. F. de Castilho.

«Tenho, por meio d'esta, a honra de apresentar os meus cumprimentos a V. E. e á mais respeitavel familia, a quem desejo todas as venturas.

«O meu unico fim n'este momento é participar a V. E., que no dia 30 de Novembro representei, com a minha Companhia dramatica, o seu bello *Camões* com o mais lisonjeiro successo. A pesar da immensa chuva que então cahia, não deixou Sua Majes-

tade o Imperador de comparecer, e não ficou vazio um só logar; e até hoje, que pela 5.ª vez o represento, tem havido a mesma concorrencia.

«V. E. sem duvida receberá d'aqui jornaes e cartas de irmãos e amigos, que circumstanciadamente o informarão de tudo; para o que, eu me considero suspeito.

«Remetto agora a V. E. duas corôas, que na scena me offereceram os espectadores no fim da representação. A mim não me competem ellas, que só dei o simples movimento á estatua colossal de genio tão artistico, e tão poeticamente creado por V. E. Na sua nobre fronte, pois, devem ellas legitimamente poisar, ornando-a como laurel de um poeta fecundo e creador.

«Remetto tambem a V. E. a *ouverture* As lagrimas de Camões, que lhe dedica o snr. Dionysio Vega; e não acontece o mesmo com os quadros das decorações, porque os muitos trabalhos do pintor o teem privado de aprontal-os; mas creio que no proximo vapor os remetterei a V. E.

«E' o que se me offerece a dizer a V. E. na presente occasião; e disponha do seu affectuoso amigo e admirador.

«Rio de Janeiro
em 14 de Dezembro de 1855.

João Caetano dos Santos.»

Esses quadros do scenario do drama chegaram, e existem. Pena foi não terem podido reproduzir-se na actual edição.

Da offerta das corôas falaram alguns jornaes.

O *Braz Tisana*, do Porto, de 11 de Janeiro de 1856, dizia:

.....

O nosso Castilho acaba de receber do Rio de Janeiro um bom presente que não se parecia nada com uma caixa de assucar, ou saca de café, que são os melhores presentes d'aquelle Imperio: foi uma corôa que lhe mandou um actor que fez de protagonista na comedia *Camões*, e que por essa occasião recebeu um cento d'ellas; escolheu a melhor e mandou-lh'a.

.....

O jornal de Lisboa *A Patria* disse:

Corôa literaria

Soubemos agora, que o protagonista do drama *Camões*, do snr. Antonio Feliciano de Castilho, representado no theatro imperial do Rio de Janeiro, enviára a melhor corôa das muitas que lhe foram lançadas ao tablado, no dia da primeira representação, ao eminente poeta portuguez, a quem o actor deveu tão assignalado triumpho.

Louvamos a acção bisarra do artista brazileiro, e felicitamos, com jubilo e ufania, o auctor nacionalissimo, de cujos escriptos

tanto temos aprendido, e a cujo engenho nos não cansaremos, nunca, de prestar a homenagem da nossa admiração e reconhecimento.»

O jornal de Lisboa *A Revolução de Setembro*, de 12 do mesmo mez:

«Ouvimos que o actor que no theatro imperial do Rio de Janeiro desempenhou o principal papel no drama do snr. Castilho, intitulado *Camões*, enviára ao illustre poeta a melhor das corôas que lhe foram lançadas ao palco na primeira representação. E' uma offerta digna do artista e do auctor.»

*
* *

Pag. 25 — Córtes no drama «Camões»

Esta obra, mais feita para leitura do que para representação, carece de grandes córtes quando a levarem á scena. Consta-nos por via muitissimo authentica uma circumstancia engraçada, da qual as actas do Conselho dramatico de Lisboa não poderam dar conta; é esta:

Castilho confessou longuras da dialogação; pediram-lhe então os collegas procedesse elle proprio aos córtes que entendesse necessarios. Respondeu o Poeta:

— Não, meus senhores, isso é-me impossivel.

—¿ Impossivel, por quê? ¿ Quem conhece melhor o drama? quem lhe sabe melhor os pontos fracos?

— A essas perguntas — volveu Castilho — respondo perguntando ao Conselho: ¿ Já se viu alguma vez um cirurgião cortar a sua propria perna? nunca. Para as amputações vale-se dos collegas. E' o que faço.

OBSERVAÇÕES A' NOTA II

Pag. 30 — Orthographia

Parece ir-se talvez querendo encarar com attenção a questão orthographica; mas ¿quando se chegará a um resultado pratico? Já no seio da Academia Real das Sciencias de Lisboa vozes muito autorisadas teem tratado o assumpto; e cá fóra um ou outro escritor adopta este ou aquelle systema, quer fundando-se na etymologia, quer no seu gôsto individual. Continuamos a ter, em vez de uma graphia uniforme, quatro ou cinco milhões d'ellas. Isto, que faz rir os estrangeiros, não incommoda os nacionaes; vamos seguindo no nosso habitual teor de vida. Se um dia a Academia, que todos reputam a melhor juiza na materia, promulgasse a lei, todos lhe obedeceriam; mas por ora ainda não a promulgou.

*

* *

Pag. 30 — José Frederico Pereira Marecos

Foi notavel, pela sua actividade e illustração, este antigo Administrador geral da Imprensa Nacional de Lisboa; deixou nome, que ainda hoje é lá citado com respeito. Na contadoria da Imprensa existe o retrato d'elle, a oleo.

OBSERVAÇÕES A' NOTA IV

Pag. 58 — **Botequim do Marrare**

Era o caffé elegante de Lisboa, onde se reuniam as phalanges doiradas da politica, da literatura, e da ociosidade. O Chiado sem o Marrare ficou manco. Só esse botequim á sua parte mereceria um livro de chronica, se alguem a soubesse e podesse escrever.

OBSERVAÇÕES A' NOTA VII

Pag. 83—O outono de 1847

Todo esse angustioso periodo da existencia do nosso Poeta vem minuciosamente estudado nas *Memorias de Castilho*, na parte já impressa no *Instituto de Coimbra*.

APPENDICE ÁS NOTAS

Artigos, apreciações, etc., allusivos ao drama «Camões»
e á sua representação
no Theatro de S Pedro no Rio de Janeiro

Extracto do *Diario do Governo* de 14 de Janeiro de 1856, transcripto do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, de 30 de Novembro de 1855:

O Snr. João Caetano dos Santos

Está annunciada para hoje a representação do grande drama do snr. Castilho—*Camões*.

Vai finalmente ser satisfeita a espectativa publica.

O poeta e o artista, protegidos pelo Imperador do Brazil, vão colher na noite de hoje os loiros de seu triumpho.

O grande trabalho literario, o fruto de uma bella imaginação, vai ser apreciado pelo publico fluminense, que, victoriando hoje o actor João Caetano, manda, nos seus applausos, uma corôa de loiros ao poeta portuguez Antonio Feliciano de Castilho.

Ha dias um boato circulou por toda a cidade: era a noticia da morte de um grande homem; e essa noticia commoveu a população, e todos corriam a certificar-se do contrario de tal *graçola*.

O snr. João Caetano dos Santos tinha cahido gravemente doente, mas não tinha succumbido; e os seus amigos, os seus admiradores, o povo, emfim, iam á sua casa vêl-o,

e voltavam alegres, esperançados da noite de hoje.

Ahi vai o *Camões* do snr. Castilho, e esta noite de triumpho será uma noite de gloria para o artista e o poeta.

E o povo verá restituida á scena brazileira a sua estrella a mais querida, e certificar-se-ha da sua existencia, de que por momentos duvidou.

¡Gloria ao poeta! ¡gloria ao artista!

*

* *

Extracto do jornal *O Correio Mercantil* (do Rio) de 30 de Novembro de 1855:

O Snr. João Caetano

¡Parabens! ¡parabens! o nosso artista, que faz a honra e a gloria d'este paiz, não é morto; elle apresenta-se hoje na scena com geral satisfação de seus amigos e admiradores. Ainda em 15 d'este mez dizia o *Jornal do Commercio:* «João Caetano é um objecto de adorno na mobilia d'este nosso sarau da actualidade... *apresse-se em morrer para lhe fazermos a devida justiça*». Em 23 do mesmo mez, quando corria o boato, falso, de sua morte, a população toda d'esta cidade se revolvia, e á porfia corria, ora ao theatro, ora á residencia do snr. João Caetano, para se certificar da verdade d'essa noticia da meia noite; os seus amigos, que em grande numero affluiram por todos estes dias á sua morada, não se tranquillisaram emquanto

não o viram pessoalmente são e salvo, não se satisfazendo com o desmentido que de noticia de tão mau gosto déra o *Correio Mercantil* de 24. O *Jornal do Commercio* tinha razão: ainda bem: ¡parabens! ¡parabens! felicitemo-nos: hoje o veremos em scena no seu afamado *Camões*.

*

* *

Extracto do Jornal *O Correio Mercantil*, (do Rio) de 2 de Dezembro de 1855.

Paginas menores

... Devo-lhe no emtanto homenagem pela obra de um poeta que fez representar sexta-feira em um dos seus templos. E' o drama *Camões*, de Antonio Feliciano de Castilho.

Assistindo a essa representação, lembrou-me a quadra feliz, em que o snr. João Caetano encetava a sua carreira. Lembrei-me da noite em que subiu á scena pela primeira vez *O Poeta e a Inquisição*, de Magalhães.

Tratava-se tambem de uma reparação nacional. Um poeta brazileiro arrancava ao esquecimento o nome de um poeta nosso, tambem grande, tambem infeliz, e tambem victima da ingratidão e da injustica de seus contemporaneos. Os versos do snr. Magalhães e o talento do artista João Caetano fizeram um magnifico pedestal á estatua do author de *Alecrim* e *Manjerona*.

Esta lembrança fez-me entristecer e repetir com Horacio: *Labuntur anni.*

A composição do Conselheiro Castilho é antes um poema do que um drama. Tem proporções demasiado amplas para emmoldurar-se entre os bastidores e o proscenio. Como poesia é admiravel, como drama tem graves defeitos em relação ás exigencias da scena.

O personagem de Luiz de Camões está vigorosamente da primeira á ultima scena. E sempre grande, sempre nobre e soberbo.

Catharina de Athaide é uma magnifica palinodia dos *Ciumes do Bardo*. E' a mulher em toda a sua pureza, fiel ao coração e á intelligencia; immortal por ter sido amada, e, o que é mais, por ter sabido o valor da affeição de um Camões.

Dom Sebastião cresce até ao sublime sob a inspiração do poeta. O heroe de Alcacerquibir era grande, mas não era homerico. O Senhor Castilho deu-lhe uma alma que seguramente não teve. Revestindo de outra forma o seu pensamento, o illustre poeta tentou depois do Visconde de Almeida Garrett a rehabilitação de um dos maiores engenhos humanos. A sua obra era uma obra nacional portugueza. E' por isso que por toda ella transpira o mais vivo patriotismo, e uma admiração sentida e verdadeira pelo glorioso passado de sua terra, o velho Portugal como elle mesmo lhe chama.

O drama é precedido de um discurso perfeito de forma e elevação, que predispõe o espectador para o que vai ver e ouvir. Achei-o deslocado em parte. Foi escripto pa-

ra ser recitado ante uma platéia portugueza, e muitas d'essas amargas queixas do presente e d'essas pungentes saudades do passado, não podem despertar-nos o mesmo enthusiasmo que se fossemos filhos da terra de Affonso Henriques.

O estylo é castiço e portuguez. E' ouro sem mescla. Pictoresco, inspirado, nervoso, é linguagem de poeta em boca de poeta; não sustenta porem sempre o seu caracter quinhentista.

A poesia anda a rodo por todas aquellas scenas. O final do segundo acto sobretudo é magnifico. Só um verdadeiro poeta podia emprestar tal linguagem a Camões.

Os applausos foram espontaneos e geraes por muitas vezes.

O drama está montado com esmero, e o snr. João Caetano terá mais uma vez de convencer-se de que sempre que se houver com verdadeiros poetas, nem mingúa a sua gloria, nem soffrem os seus interesses.

Quanto á execução, occupar-me-hei d'ella mais tarde, e depois da repetição que tem logar hoje.

Hoje tambem assigna-se a paz de Tilsitt no theatro lyrico, em prejuizo da Prussia Casalonica, e sóbe á scena no Gymnasio o drama *Os Parisienses*, continuação das *Mulheres de Marmore*.

A moral severa e sarcastica de Degennais ainda faz mais n'esta segunda peça do snr. Theodoro Barriére.

M.

*

* *

Extracto do jornal *A Semana*, do Rio, de 8 de Dezembro de 1855:

REVISTA THEATRAL

O POETA E O ARTISTA

(AO VOAR DA PENNA)

«O genio é esse fogo mytologico que Prometheu foi arrebatar aos Céos, e que se tem transformado em milhares de fórmas.

Assim, se as linguas d'esse fogo celestial caem sobre o marmore, arrancado das pedreiras de Carrara, apparece Canova ou Miguel Angelo Bounaroti; se se distendem sobre uma téla, apparece Raphael de Urbino, Murillo ou Salvador Rosa; se em linhas pautadas, e convencionalmente matisadas, apparece Donizetti, Bellini ou Verdi; se no pergaminho, ou no papel, surde então essa pleiade d'apparições seculares, que se chamam Homero ou Virgilio, Chateaubriand ou Lamartine, Alexandre Herculano ou Garrett, ou um poeta utilitario como Castilho.

Mas ha genios que, por assim dizer, precisam de outros genios para se transfigurarem e manifestarem-se em todo o seu esplendor. Donizetti precisa d'uma Stoltz para ser comprehendido o seu pensamento da *Favorita*. Bellini de uma Grisi para interpretar a *Norma*. Voltaire d'um Talma para

as suas tragedias politicas. Castilho de um João Caetano para o seu drama social.

D'esta sorte os genios tornam-se gémeos. O maestro e o cantor, o poeta e o artista constituem uma unidade symbolica na arte e na gloria. O dia e o sol, a noite e a lua, a floresta e o silencio, a solidão e a saudade, o amor e a ternura, a poesia e a melancolia, a gloria e o enthusiasmo, são ideias que não se podem separar: é assim o legitimo poeta e o verdadeiro artista.

E' d'esta união gemea da arte e da litteratura, do genio no poeta e do genio no artista, que vamos consignar duas linhas nas paginas da *Semana*, e o faremos não com a penna a escorrer, mas fazendo-a *voar*, como o beija-flôr vôa e toca no calice rescendente das flores.

Camões é a personificação do poeta por excellencia: tão grande no fundo abysmo das desventuras, como Deus o tinha feito grande na supremacia do genio, elle seria quasi um mytho, se não deixára um monumento que attestasse a sua passagem na terra, ha pouco mais de dois seculos. Rei pelo talento, a predestinação da sua raça privilegiada o fez mendigo; formoso, as guerras e o infortunio o tornaram aleijado; vivo de engenho, as tribulações lhe deram em herança a mizeria e o desamparo; o primeiro homem do seculo teve apenas um escravo por amigo, e um lençol de mortalha por purpura de tamanha realeza.

Eis aqui as tintas que o snr. Castilho dispôz na palheta; o infortunio do genio, congenito, como dissemos, de uma raça privi-

legiada de homens, tal foi o pensamento que presidiu á sua concepção e que elle vae esboçar-nos, contar-nos e pintar-nos com esse pincel de mestre, que é o seu sceptro de poeta desde o moço imberbe da *Primavera* até á tragedia dramatica de *Camões*.

As obras dos mestres, ou produzem o extasi ou a admiração, ou, pelo menos, reclamam a attenção; quando uma vez o escriptor foi sagrado pelo publico, quasi se tornou superior á critica: fica apenas subjeito aos caprichos do gosto. E' por esta convicção que professâmos, que não analysaremos as fórmas litterarias do genio.

Diremos, porém, de passagem, antes de escrever as nossas impressões de uma primeira representação, que lamentamos haver um tão grande poeta, como o snr. Castilho, e uma tão vasta imaginação, como a sua, recebido as impressões d'este drama sobre um original francez! Foi sem duvida d'esta inconveniencia que provém as infidelidades historicas, e as conveniencias dos costumes nacionaes sacrificadas á ideia matriz, ao esqueleto do dramaturgo estrangeiro.

O drama, como livro de linguagem, é um monumento, posto que aqui e alli haja algum luxo de archaismos. Todo o dialogo é fluido, corrente, posto que mal travado uma ou outra vez, por ter sido drama de gabinete e não drama de effeito scenico. Como poesia tem-a muito rescendente, muito substancial, especialmente na parte dos affectos intimos, em que o snr. Castilho prima. Como acção dramatica começa ella no fim do

segundo acto, segue com interesse, afrouxa na penultima scena, e recresce com interesse na catastrophe do drama, em que cae uma mortalha sobre dois cadaveres, e espirram com impeto as lagrimas sentidas de um escravo da amizade e da dedicação.

Tal nos parece o drama, nos seus amplos contornos; digâmos agora duas palavras sobre a execução, tanto artistica como scenographica.

A representação do *Camões* foi um successo de triumpho, uma rehabilitação, um accordar de gloria para o depreciado theatro nacional. O poeta e o artista ressuscitaram um Lazaro da arte, dizendo-lhe: «Levanta-te»; oxalá que o mesmo artista e outros poetas lhe digam: «Caminha».

Camões (o snr. João Caetano), apparece-nos na ultima quadra da vida, já com a alma golpeada de desventuras, mas com o amor da patria, e com o amor da sua querida Natercia, tornado uma religião em dezesete annos de ausencia. Fez a peregrinação do romeiro; torna a vêr Lisboa — a sua querida e donosa Lisboa — e com esperanças de vêr a mulher, por quem elle está contente de ser triste.

Não é mais o mancebo vindo de Coimbra, e desterrado para Santarem; é o guerrreiro com o rosto tostado pelas fadigas da guerra, pela intemperie dos diversos climas, e já tão calcinado da desgraça, que quasi é descrente, menos com a patria e com o amor.

Camões vae á côrte, é acariciado pelo rei, mas monteado pelos mastins dos aulicos, e pelas mariposas de palacio. Comtudo, o ge-

nio esmaga a mediocridade que o affrontára. E' fulminada pela decepção d'um amor trahido, e apega-se á sua ultima taboa de naufragio: ao rei que cingia um diadema d'espiritos, só agora resta o amparo de um escravo.

Nos debates do ciume e da raiva, é comtudo generoso e magnanimo. Afinal, nas vascas da morte é ainda altivo como o genio: morre como o carvalho, que resistiu a milhares de tempestades.

O snr. João Caetano percorre todo este teclado da instrumentação artistica com essa justeza de situações, com esse talento deslumbrante que todos lhe reconhecem. Identificado com o pensamento do poeta, elle é tambem poeta; como Fylinto Elisio traduziu Chateaubriand, assim o primeiro artista brazileiro interpretou o primeiro poeta portuguez.

Nada escapou ao seu instincto artistico. As proprias scenas mudas do acto joga-as elle com uma mimica placida e significativa: os ultimos arrancos, o ultimo estrebuchar cavernoso da vida, representa-os com um talento de mestre.

D. Catharina (a snr.ª D. Ludovina), essa mulher immortal, que, como Laura, Leonor e Heloise, tem um nome perenne na historia dos infortunios, por espaço de dezesete annos luctou com uma affeição profunda, mas afinal, victima de um capricho da realeza feminina, acceita a mão de um homem a quem não ama, e a quem nunca poderá amar, porque é perseguidor do eleito do seu coração. O poeta desenhou-nos este typo

com pincel de mestre. E' uma matrona romana; é uma d'essas mulheres, que, como uma das duquezas de Bragança, armava os filhos cavalleiros e os mandava para a guerra; é uma mulher que sabe supportar o sacrificio de esposa resignada, e consagrar um amor sem esperança, um amor de Heloise, a esse desditoso, que o considera o anjo do seu coração, a musa da sua poesia.

Este papel, nas suas differentes situações, desde a entrevista do segundo acto até ao depositar o ultimo beijo de uma agonisante na testa rescaldada de febres de um genio moribundo, todo este jogo encontrado de affectos e maguas, a nossa predilecta artista desempenhou-o com muita felicidade.

A dignidade com que a snr.ª Ludovina repete a palavra affrontosa de rufião, que lhe exproba o marido, é de um effeito maravilhoso, e o publico fez-lhe devida justiça cobrindo-a de palmas e bravos.

Antonio Jau (o snr. Arêas) é uma creação, um typo originalissimo da musa historica do snr. Castilho. O coração dedicado do homem virgem das florestas, essa confraternidade dos perigos, do naufragio e das desgraças, a alma nobre do indio sob a forma rude do selvagem, é maravilhosamente desempenhado pelo snr. Arêas, um dos talentos mais esperançosos do nosso quadro artistico, não só na parte comica, em que é eminente, como na dramatica, que muito bem desempenha.

O personagem do drama foi conscienciosamente comprehendido; o rir selvagem, o andar rude, os cuidados e as attenções para

com o seu senhor amigo, essa amizade, po
assim dizer, do cão, symbolo da fidelidad
e da dedicação, que o Jau consagra a Ca
mões, o snr. Arêas desempenha todas esta
peripecias com subido talento, e cuidados
estudo: o mais leve movimento é calculadc
e fielmente executado. Para se avaliar o du
plo talento do snr. Arêas, bastará dizer qu
o actor, que centos de vezes provoca a hila
ridade na parte comica, arrancou lagrima
na invocação ao Christo, ao Senhor de se
senhor.

D. Sebastião (o snr. De Giovanni) é o man
cebo guerreiro, com a cabeça e o coraçã
na gloria das conquistas, e dos combates,
por isso sympathisando com o poeta da
glorias portuguezas, accrescentadas pela es
pada do cavalleiro, e pela penna do poeta
D. Sebastião, tal qual o comprehendeu
poeta, foi interpretado pelo snr. De Giovanni
A dignidade de rei, a sua dedicação ao poe
ta, o espirito cavalleiro pelas damas com
cortezia d'aquella epoca, tudo isto, especia
mente a realeza com que entra e sahe d
scena, foi habilmente executado pelo snr. D
Giovanni.

Martim Gonçalves (o snr. Motta) é o typ
dos validos. Rancoroso, invejoso, ingrato
traidor para a mão benefica, que se lhe es
tendera, conspirador de reposteiro, orgulhos
e soberbo, tal parece que é o personagem
concebido pelo poeta. O snr. Motta, com
quanto seja um artista de merito, e se esfor
çasse para bem desempenhar o papel qu
lhe fôra confiado, não o desempenhou a tod
o contento.

Martim Gonçalves é mais velho do que Camões: valido e escrivão da puridade ha dezesete annos, o snr. Motta devia caracterisar-se na correspondente edade. O seu sarcasmo deve ser mais carregado do que ligeiro: a declamação devia resentir-se de certo sombrio, em que a ambição e o ciume do orgulho fossem fielmente representados. O pizar de scena deve ser mais seguro, e o corpo mais estudado do que abandonado: o seu rir ligeiro de despeito deverá ser mais carregado; e crêmos que com estas modificações o snr. Motta (a quem ousâmos fazer estas observações, por lhe conhecermos merito) póde representar um papel distincto n'este drama, como o faz em outros.

O estalajadeiro Diogo (o snr. Manuel Soares) é um typo popular da antiga Lisboa. Desenhou-o o snr. Castilho com o pincel de Hogart, e executou-o o snr. Manuel Soares com essa inexgotavel veia comica que todos lhe reconhecem e applaudem. O estalajadeiro insolente e urbano, conforme lhe quadra ou vem a proposito, o portuguez velho, enthusiasta de poesia, e das fogueiras e do orgulho nacional, foi retratado, ou antes creado pelo snr. Manuel Soares.

São de secundaria importancia todos os outros papeis: cada um na sua especialidade foram mais ou menos, mas todos regularmente desempenhados.

O scenario e o vestuario estiveram primorosos, e até caprichosos. O snr. Ribeiro, especialmente no 2.º acto do drama e na apotheose, conquistou um legitimo nome de distincto artista: o mestre guarda roupa é

tambem digno de elogio: sómente o observador escrupuloso enxergaria côres vivas no vestuario de uma côrte fradesca e sombria como a de D. Sebastião.

Resta-nos agora falar da musica.

O snr. Dionisio Vega, um dos ornamentos do conservatorio de musica, e regente da orchestra, pôz em musica as rubricas cantantes do drama. Fêl-o com certa côr local, e por assim dizer nacional, accommodando as harmonias de seu talento á situação dramatica que creára ou imaginára o poeta. O romance com que Jau Antonio procura acalentar a Camões, é de muito effeito, porque o snr. Dionisio Vega soube repassal-o de uma uncção de ternura e melancolia, que commove o auditorio.

Mas onde elle nos deu uma prova incontestavel do seu talento, foi na symphonia as *Lagrimas de Camões*, que dedicou ao illustre auctor do drama.

Imagine-se a vida do poeta desventurado, dividida em tres partes. Na primeira, o enthusiasmo guerreiro, as illusões queridas da gloria, o amor com um futuro de esperanças; na segunda, as decepções, as angustias, as lagrimas:

> Sobolos rios que vão
> Por Babylonia, me achei
> Onde sentado chorei
> As lembranças de Sião
> E quanto n'ella passei.

O desterro, a miseria, a ausencia da patria, a solidão na gruta de Macau, o ancear, e o regressar a Lisboa; tudo isto na segunda

parte. Na terceira, a desesperação da felicidade, um amor sonhado ha tantos annos agora um cadaver, ou antes o phantasma de Hamleto, o estrebuxar nas vascas da morte: a ultima hora de uma vida agonisada, e a primeira da eternidade solemne, tal nos parece a traducção d'essas inspirações musicaes, que nos deu o genio artistico do snr. Dionisio Vega.

Concluâmos:

O *Camões* é um recommendavel espectaculo, que constituirá uma das paginas mais brilhantes do repertorio do primeiro theatro nacional, por cujos prosperos destinos fazemos os mais ardentes votos.

A.

POESIAS

DE

FRANCISCO GONÇALVES BRAGA

ALLUSIVAS Á REPRESENTAÇÃO DO DRAMA «CAMÕES»
NO RIO DE JANEIRO

CAMÕES

AO SENHOR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

O nome Lusitano
Ao nome de Camões eterno se une.
GARRETT. *(Camões)*.

I

Do sepulcro rasgae negro manto,
genios grandes das grandes Nações,
vinde todos ouvir o meu canto,
precedido do nome — Camões ;

d'esse nome que os vates inspira,
d'esse nome que os povos espanta,
cujo vate com os cantos da Lira
sobre todos qual rei se alevanta;

d'esse nome que os eccos da fama
o repetem, qual nome immortal:
d'esse nome que o Mundo proclama
honra, e brilho do meu — Portugal ;

d'esse nome que a Lisia decreta
seja parte do meu coração:
não vae n'elle somente um Poeta,
vae a honra da Lusa Nação ;

d'esse nome que a inveja derrama
nos orgulhos da Italia divina,
d'esse nome que ao vate deu fama,
sobre os vates da musa latina!

Trovadores das nações decantadas,
vinde humildes á Lisia depor
vossas c'rôas com versos ganhadas
ante os manes do Luso cantor.

Do sepulcro rasgae negro manto
genios grandes das grandes Nações,
vinde todos ouvir o meu canto,
inspirado do nome: — Camões. —

II

Sinto orgulho mui nobre no peito
quando lembro da Lisia os brasões;
d'elles todos qual é o mais perfeito?
diz um ecco da Patria: —«O Camões.»

Mais poeta do que elle na terra
quem já fôra? — Quem fôra guerreiro?
quem como elle nas letras e guerra
fôra vate, e será cavalleiro? —

Oh! Ninguem, — que tal homem gigante
nunca foi n'este Mundo imitado!
Na poesia, nem Tasso, nem Dante
sua c'roa divina hão roubado!

E na guerra? Um heroe valoroso,
defendendo Jesus, — Portugal;
com os vencidos, christão, generoso,
nas pelejas, — valente e leal!

Foi um vate por Deus inspirado
da misérrima Ignez o cantor,
foi seu pranto tambem misturado
com as aguas da = fonte do amor. =

Junto ao tronco do cedro gigante
quantas vezes se foi assentar!
Alí junto co'a lira somente
a desdita de Ignez lamentar!

Sobre as aguas do mar altaneiro,
sobre as ondas que o Gama sulcou
foi o vate um audaz marinheiro,
que o porvir do gigante afrontou!

No longinquo deserto Africano
dos dois astros, um astro perdeu,
a seu Pae, o cantor Lusitano,
satisfeito tal perda off'receu!

Satisfeito, — pois tinha um só nome
encerrado em su'alma divina;
nome grato que as maguas consome,
nome bello, e gentil: — Catharina.—

Era o nome que o peito lhe enchia,
era o nome que a dôr lhe afagava,
era o nome fallado no dia,
era o nome que á noute sonhava.

Exilado na gruta em Macau,
as grandezas da Patria cantou,
deu-lhe Deus um amigo em seu Jau,
e com elle p'r'a Patria voltou.

Só com elle! — Qu'importa? — Camões
voltou pago do seu padecer,
Comprehendiam-se os seus corações,
eram dois a chorar e soffrer!

Oh Antonio: — teu nome immortal
atravez de mais mil gerações
com orgulho o dirá Portugal
sempre junto do nome — Camões! —

—

III

Volta á Patria Camões do desterro,
a fortuna que traz é seu Jau,
e na cinta pendente um bom ferro,
e seu livro escripto em Macau. —

Desembarcam: — são juntos errando;
onde os passos irão dirigir ?
não o sabem mas estão caminhando
Sem pousada encontrar p'ra dormir !

¿Quem é esse captivo, que passa,
mal-trapido, tostado na côr,
que mendiga esse pão da desgraça
para a fome matar do senhor ?

É um Jau, de Camões o amigo,
dos amigos, o amigo mais nobre,
quem o houver na desgraça comsigo
nunca póde dizer: — «Eu sou pobre».

Sua voz eu lhe escuto pedindo:
—«¡ Portuguezes, esmola a Camões !»
¡Estão todos seus rogos ouvindo
indiff'rentes ! ¡Crueis corações !

¡ Portuguezes ! ¡ Qu'infamia ! ¡O Cantor
que deu vida da patria ás victorias,
supportando da fome o terror
n'este Reino que encheu d'altas glorias !

Inda assim não succumbe: — animoso
elle encara mais este revez,
indiff'rente ao despreso affrontoso,
mas appella p'ro Rei Portuguez.

Para ser do seu Rei protegido
pergaminhos não traz nem brazões;
apresenta um valor mais subido : —
traz-lhe o livro das suas canções.

— «Eis meu livro, Senhor: — foi traçado
no desterro que a Patria me deu:
n'estes cantos vos dou retratado
amor patrio que em mim já nasceu.

«Eis meu livro Senhor: — do oceano
já por pouco perdido o salvei;
regressando ao Paiz Lusitano
vim depol-o nas mãos do meu Rei.

«N'este livro 'stão minhas canções
proclamando no Mundo inteiro
esses nomes d'illustres varões
d'esta Patria d'Affonso Primeiro.

«N'elle vive esse Rei d'altas vistas
que ao seu Reino a India ajuntou,
vive o Gama com suas conquistas,
vive o Castro, — que Diu ganhou.

«Vivem n'elle os valentes que ousaram
mostrar provas d'immenso valor,
que alem — mar—Tormentorio — passaram
despeitando o cruel — Damastor.»

Fica o Rei assombrado, orgulhoso
só por ter por vassallo o cantor,
diz palavras ao vate amoroso
de poetico e patrio amor!

— «N'esta guerra que vou conduzir
ao rebelde Paiz da Mourama,
Se eu ficar vencedor has-de unir
ao meu nome perpetua fama.»

Já nos vis cortesãos arde a inveja
por que o Rei tem o vate abraçado;
em seus peitos a intriga esbraveja,
e' por elles Camões despresado!

Regressando dos lares Indianos
com seu livro, que o pranto regou,
nos ingratos, crueis Lusitanos
só perfidia, e despreso encontrou!

Só perfidia, e despreso ! Mal hajam
esses Lusos de vil coração,
intrigantes, que as lettras ultrajam,
e que afrontam no vate a Nação !

Mas qu'importa ? — Ha-de o vate immortal
atravez de taes sombras viver,
hão-de os vis cortesãos, por seu mal,
sepultados nas trevas morrer ! —

IV

Largas velas ao vento já soltam
p'r'os guerreiros da Cruz condusir,
vae com elles o Rei: — quando voltam ?
Ninguem sabe, — pertence ao porvir.

Ninguem sabe ! Camões cuidadoso
dos destinos da Patria e do Rei,
do seu proprio tambem receioso,
profetisa : — «Não mais o verei !»

Foi profeta o cantor. Finda o anno ;
chega em fim a noticia fatal.
Oh desgraça ! — No solo africano
com seu Rei lá morreu Portugal.

Sem Natercia, sem Patria sem Rei
ao Cantor o que resta ? — Um amigo,
e' seu Jau: — diz Camões: — «Morrerei,
«Minha Patria sou morto comtigo !»
. . . . . .

N'essa horrivel, sangrenta batalha
succumbiram d'um golpe mortal
reino e vate, que involve a mortalha: —
dois gigantes: — Camões — Portugal — !

Rio de Janeiro — 1855

Francisco Gonçalves Braga.

O ACTOR E O POETA

AOS SENHORES

João Caetano dos Santos e Antonio Feliciano de Castilho

Na representação do excellente drama «Camões»

1

Conjurem-se os genios que as artes exaltem,
acerquem-se todos com c'rôas, e palmas:
a dextra, e a fronte contentes esmaltem
ao Rei majestoso do alcáçar dos Tálmas.

¡Acerquem-se todos! ¡Mal haja quem falta
no grande csnjuncto. que ás artes convida!
¡Mal haja quem hoje, leal não exalta
o genio da scena, que ás artes dá vida!

Os Tálmas passados, do Olympo ressurjam,
Lemaitres presentes, a França abandonem:
¡Acerquem-se todos! Não faltem, não fujam,
coroando o artista,—seu merito abonem.

II

¿Que vejo? ¿Que escuto? De nuvens cercados,
¡Lá descem do Olympo com mil serafins!...
¡Do mundo das artes, os genios passados,
com palmas, e c'rôas d'immensos rubins!

¡Que doce harmonia! ¡Qu'immenso concerto
de sons e de vozes,—das harpas, e d'anjos!...
¿Que vejo? ¿Deliro? ¿Não sonho?—Desperto:
¡Desperto que eu vejo celestes archanjos!

¡Eu vejo que os anjos, e genios se abraçam,
se abraçam, contentes, d'amor fraternal;
ao som d'harmonias as c'rôas enlaçam
na fronte divina do actor immortal!

Depois tomam harpas: entoam est'hymno
com vozes, e notas d'excelsa harmonia;
parece que o mundo se torna divino,
aos genios ouvindo tão doce poesia:

«Nós, genios das artes, á terra cahimos
«p'ró genio da scena brasilia coroar:
«agora que a nossa missão já cumprimos,
«tornamos ao Olympo, p'ró genio aguardar.

«Tambem aguardamos com elle o poeta,
«porque no seu éstro revive um—Camões;
«e o artista,—da gloria tocando alta méta,
«comprehende, executa, dá vida ás paixões.

«Tambem desejamos o livro immortal
«do genio que ao genio da scena dá brilho:
«dois genios que illustram—Brasil—Portugal
«no céo aguardamos—João e Castilho.»

Artista e Poeta:—do joven, que ousado
cantou vossos nomes, a acção desculpae,
e á conta dos louros que haveis conquistado,
tributo sincero, que offerta,— aceitae.

E' assim que o talento se exalta, ennobrece
ee elle é verdadeiro, seguro, e real:
incensos que humilham, não quer, não carece,
dão gloria, fingida,—por fim, bem fatal!

¿Na scena brasilia, no luso parnaso
quem ha que pareça—João ou Castilho?
são Reis, mas não filhos d'um simples acaso,
são Reis, cuja c'rôa das artes é brilho.

Por isso os viventes, que as artes estimam
dois Reis n'elles vejam, d'excelsos brasões,
que ao Rei dos Poetas o corpo reanimam:
no vate, e no artista revive—Camões.

Rio de Janeiro, 30 de Novembro de 1855

Francisco Gonçalves Braga.

INDICE

INDICE

DO

Drama «Camões», texto e notas

N. B. — O numero romano designa o volume; o arabigo a pagina.

A

Abbade Castro. V. *Castro e Sousa.*

Abbade de Jazente. V. *Cabral.*

Aforismos para reinantes. Citam-se os da Rainha D. Caterina a el-Rei seu neto, e outros do proprio senhor D. Sebastião..... III, 121

Alberto, Principe consorte de Inglaterra. Era pintor ..... I, 135

Almeida (José Maria Eugenio de) Assigna o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões em 1862..... III, 55

Almeida Garrett (João Baptista de) Membro da Commissão orthographica da Imprensa Nacional em 1843..... II, 34

Aportuguezou e nacionalisou farças francezas ..... II, 92
Em 1844 pediu a Castilho o informasse sobre a achada dos ossos de Camões em 1836 ..... III, 6
Narração sua, segundo as informações de Castilho, da achada dos ossos de Camões..... III, 7 e seg.
Ao seu poema *Camões* chama Castilho um monumento de diamante III, 7
Bem proprio, na falta de Camões, para estrear o cemiterio de honra III, 25
Insta Castilho com o velho Bordallo Pinheiro para que esculpa o busto de Garrett ..... III, 64
Transcreve-se um formoso trecho do poema *Camões* de Garrett... III, 119 e seg.
Transcrevem-se versos seus ..... III, 160
Almeno. V. *Coração de Jesus.*
Alvitre utilissimo para a Literatura. Artigo de Castilho na *Revista* de 1842..... III, 103
Amaral. V *Raposo do Amaral.*
Andrada. V. *Castro e Andrada—Leitão de Andrada.*
Apollonio de Rhodes. Muito imitado por Valerio Flacco ..... II, 87
Apotheóse de Camões acrescentada por João Caetano dos Santos ao drama *Camões*..... II, 9
Appendice ás Notas..... IV, 37 e seg.
Arago (Thiago). Sabio francez, irmão do grande astrónomo Francisco Arago. Esteve em Lisboa em 1852, de passagem para o Brazil. Suas relações com Castilho ..... II ,7

Autor do drama *A gargalhada*, representado em portuguez no Rio de Janeiro ..... II, 7
Araujo de Azevedo (Antonio de). (Conde da Barca). Menciona-se a sua *Apologia* de Camões ..... III, 18
Araujo e Castro. V. *Ferreira de Araujo e Castro.*
Ariosto. Tomou muito aos Romanos antigos, a Boccacio, e a Bernardo Tasso..... II, 87
Aristophânes. As suas comedias ainda nos apparecem eivadas da pouca cultura dos Antigos ..... II, 145
Aristôteles. O que dizia sobre obras de Heráclito..... II, 46
Arte dramática. Desenvolveu-se modernamente de modo consideravel..... ..... III, 101
Assentiz (Morgado de). Membro em 1836 da Commissão que buscou os ossos de Camões ..... III, 11
Aula de Gravura fundada na Academia Real das Bellas Artes de Lisboa pelo Inspector Marquez de Sousa-Holstein..... II, 136
Auto das boas estreias. Narração minuciosa do seu primeiro apparecimento em publico..... III, 79 e seg.
Autores romanos. Quanto Castilho se empenhou em que tivessemos em portuguez a traducção d'elles. Diligencias baldadas..... III, 74
Avila. V. *Lobo d'Avila.*
Azevedo. V. *Araujo de Azevedo* e *Conde da Barca.*

B

Baéna. V. *Visconde de Sanches de Baena.*
Bande noire. O que foi ..... IV, 22
Barão da Folgosa. Fez parte em 1845 de uma Commissão para angariar donativos para um tumulo a Filinto.... ..... III, 41
Barão de Itaúna. Camarista do Imperador do Brazil. Menciona-se. IV, 14
Barão de Japurá. Ministro do Brazil em Lisboa. Menciona-se..... IV, 14
Barbosa du Bocage (Manuel Maria de). Transcreve-se um seu bello soneto..... II, 84
Grande mestre de engoiada escola. Os prologos das suas obras dramaticas são inchados e estéreis.. II, 155
Insta Castilho com Bordallo Pinheiro pae, para que esculpa o busto d'esse insigne poeta..... III, 64
Barbosa Machado (Diogo). Cita-se o seu livro *Memorias para a historia d'el-Rei D. Sebastião* .. .. III, 117
Barca. V. *Conde da Barca.*
Barros (Domingos Antonio Candido de). Gravador curioso, fallecido na Ilha de Santa Maria em 1849..... II, 123
Bastos (Victor). Estatuário, autor do monumento de Camões..... III, 51
Beaumarchais. Escreveu prologo ao seu *Taráre* ..... II, 153

Bernardes, Ferreira, Sá de Miranda, Camões. Foram sequazes dos Antigos em muita coisa..... II, 148
Bispo de Viseu, D. Francisco Alexandre Lobo. Citam-se as suas investigações sobre Camões..... II, 78
Boccacio. Foi muito imitado por Ariosto..... II, 87
Bocage. V. *Barbosa du Bocage.*
Bochart (Antonio de). Carta sua a Castilho, noticiando-lhe a representação do *Camões* no Rio de Janeiro..... II, 13
Bomtempo (João Domingos). Menciona-se a sua Missa funebre para as exequias de Camões..... III, 29
Bordalho e Coelho. Desenhador e gravador em Lisboa por 1840 e tantos..... II, 127, 136
Bordalho Pinheiro (Manuel Maria). Artista notavel, e desenhador de gravuras..... II, 127
Esculpe a estatueta de Castilho. Carta do retratado agradecendo essa honra..... III, 59
Dados biographicos d'esse artista.. III, 59
Autor do busto de Camões em bronze collocado na gruta de Macau..... III, 162
Botelho. V. *Sousa Botelho.*
Botequim do Marrare. Era em Lisboa no Chiado..... IV, 33
Braamcamp (Anselmo José) Assigna o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões em Lisboa..... III, 55

Braga. V. *Gonçalves Braga.*
Buffon. Cita-se uma sua sentença... II, 132
Busca dos ossos de Camões no mosteiro de Sant'Anna, desde 7 até 12 de Setembro de 1836..... III, 11
Bustos de Portuguezes notaveis. Propõe Castilho se colloquem nos passeios publicos..... III, 62

C

Cabral (Paulino Antonio). Abbade de Jazente. Cita-se..... II, 72, 73
Cabreira (Frederico Leão). Sua descripção minuciosa da gruta de Camões em Macau..... III, 152 e seg.
Caldeira (Carlos José). Sua descripção da gruta de Camões em Macau..... III, 157 e seg
Camara. V. *Gonçalves da Camara.*
Camara Municipal. Se uma colloca uma lapide em algum sitio notavel, o que significa isso..... IV, 17
Camara Municipal de Lisboa. Officia ao Duque de Palmella sobre a demolição de parte da casa de Castilho..... IV, 8
Camara Sampaio (D. Maria Leonor da). Curiosa na arte da gravura. II, 125
Camaras Municipaes. Todas ellas devem tratar de salvar do esquecimento os logares notaveis.... II, 162
Camões (Luiz de). Trancreve-se um soneto seu..... II, 82

Segundo o Padre José Agostinho de Macedo, só fez tomadias.... II, 91
Imitando, foi original..... II, 91
Cita-se um dito d'esse grande poeta ..... II, 94
Cita-se..... II, 132
Busca (e achada) dos seus ossos em 1836..... III, 5 e seg.
Honras a elle, propostas pela voz de Castilho em 1836..... III, 19 e seg
Ninguem póde disputar a Camões os foros de primeiro entre os primeiros povoadores de um cemiterio de benemeritos..... III, 24
Erecção de uma estatua a elle; proposta de Castilho..... III, 43
A rogos de Castilho, elaborou Assis Rodrigues em 1836 um projecto do monumento do Epico..... III, 43
Como poeta dramatico, é muito inferior a Gil Vicente..... III, 45
Ceremonia do lançamento da primeira pedra no seu monumento em Lisboa..... III, 50
Segundo Castilho, o monumento d'este poeta, essencialmente maritimo, deveria ser collocado á borda do Tejo e não n'uma praça interior da cidade ..... III, 57 e seg.
Citam-se palavras de Camões a el-Rei D. Sebastião..... III, 87
Morada d'elle em Lisboa. Extratos do livro do Visconde de Juromenha..... ..... III, 146
A comedia de Camões *El-Rei Seleuco* tem prologo..... II, 152

Camões, drama. E' lido em Lisboa em Março de 1849..... II, 86
Camões, Ferreira, Sá de Miranda, Bernardes. Foram sequazes dos Antigos em muita coisa..... II, 148
Campa que encobria os ossos de Camões na egreja de Sant'Anna. Suas dimensões..... III, 11
Campo elysio, ou cemiterio de honra para mortos notaveis..... III, 20
Campos. V. *Pinto de Campos.*
Cardoso (P.e Matheus). Jesuita, autor de um epitaphio latino de Camões ..... III, 14
Carlos IX, Rei de França. Versos seus muito bellos ao grande poeta Ronsard..... III, 77
Seu parallelo com o nosso Rei D. Sebastião..... III, 78
Carreira. V. *Conde da Carreira*
Carvalho. V. *Esteves de Carvalho—Vaz de Carvalho*
Carvalho Pessoa (Conselheiro). Vereador de Lisboa. Como interveio no facto da demolição de parte da casa onde falleceu Castilho na rua do Sol em Lisboa.. IV, 7
Casa de Camões em Lisboa ..... III, 146
Casa onde falleceu Castilho. Seu arrazamento parcial pelo Duque de Palmella. Considerações .... IV, 5 e seg.
Casas onde residiu Costilho, notaveis algumas por terem sido morada de homens conspícuos.... III, 118 e seg.
Castello Branco (Camillo). Seu elogio como escritor vernáculo.... II, 63 e seg.

Castilho (Doutor Antonio de). Investigações genealogicas sobre a sua familia, acham-se na forja, e algum dia verão a luz..... III, 109
Castilho (Antonio Feliciano de). Suas relações com Thiago Arago em 1852..... II, 7
Sua chegada ao Rio de Janeiro em 1855..... II, 8
Autor de versos lyricos cantados na apotheóse de Camões no Rio de Janeiro ..... II, 9
Carta sua a A. Bochart..... II, 14
Carta ao poeta Gonçalves Braga.. II, 18
Carta ao grande actor brazileiro João Caetano dos Santos ..... II, 19
Carta ao compositor musical Dionisio Vega, autor da symphonia *As lagrimas de Camões*..... II, 20
Com o seu amigo Pereira Marecos instaura em 1843 na Imprensa Nacional de Lisboa uma Commissão para a fixação da orthographia..... II, 30 e seg.
Membro da Commissão orthographica da Imprensa Nacional em 1843..... II, 34
Em 1852 propôz na Academia Real das Sciencias se nomeasse uma Commissão reformadora da Orthographia. O que se seguiu.... II, 39, 40
Segunda proposta á Academia sobre orthographia..... II, 40 e seg.
Já no prologo das *Metamorphóses* de Ovidio tratou como soube a questão orthographica..... II, 20

A Castilho dedica Mendes Leal o seu romance *Flor do mar* ..... II, 66
Carta de Castilho a um periodico de Lisboa sobre a originalidade do seu drama *Camões* ..... II, 86
Quando redigiu, desde 1848, o periodico michaelense *O Agricultor*, introduziu n'elle a gravura.. II, 123
Rapida menção da sua ida em 1855 ao Rio de Janeiro ..... II, 139 e seg
Tinha Castilho verdadeira ufania em ter buscado (e achado) a sepultura de Camões..... III, 6
Proponente, membro, e alma, da Commissão de 1836 para a busca dos ossos de Camões..... III, 11
Com elogio cita Juromenha a Castilho pela sua iniciativa de 1836 ácerca da sepultura de Camões.. III, 16
A rogo de Castilho elaborou Assis Rodriges em 1836 um projecto de monumento a Luiz de Camões.. III, 43
Assigna Castilho o auto da collocação da pedra fundamental no monumento de Camões em 1862 III, 55
Na Commissão a que pertenceu em 1862 oppôz-se quanto poude á collocação do monumento de Camões no sitio do Loreto; queria-o á borda do Tejo. Consideracões no assumpto..... III, 57 e seg.
Propoz se collocassem nos passeios publicos os bustos dos Portuguezes notaveis..... III, 62
Instou com Manuel Maria Bordallo Pinheiro para que esculpisse os

bustos de Filinto, Bocage, Garrett, Silvestre Pinheiro, Ferreira Borges, D. Francisco de S. Luiz, Fernandes Thomaz, Visconde de Santarem, Corrêa da Serra, e outros III, 64
A casa mortuaria de Castilho em Lisboa foi em parte destruida. Como, por quem, e para quê ... IV, 5 e seg.
Foi Castilho o primeiro que advogou a collocação de lapides nos sitios notaveis ..... IV, 16
Resposta sua acêrca de córtes na dialogação do drama *Camões* ... IV, 29
Castilho (Doutor Augusto Frederico de). Membro da Commissão que em 1836 procurou os ossos de Camões ..... III, 11
Castilho (Doutor José Feliciano de). Extrato de uma carta a seu irmão Antonio noticiando-lhe a representação do *Camões* no Rio de Janeiro ..... II, 10
Menciona-se um seu erudito opusculo sobre *Orthographia portugueza* ..... II, 44
Menção rapida do modo como tinha a honra de ser sempre recebido por S. M. o Imperador D. Pedro II do Brazil ..... II, 144
Castro (Publia Hortensia de). Menciona-se com alto louvor ..... III, 92
Castro. V. *Ferreira de Araujo e Castro*.
Castro e Andrada (Isabel de). Seus dados biographicos extrahidos do *Theatro heroino* ..... III, 96

Castro e Sousa (Abbade Antonio Damaso de). Assigna o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões em 1862. III, 56
Caterina (Rainha D.). A sua introducção no drama *Camões* é anachronismo..... III, 84
Caterina (A senhora D.). Neta d'el-Rei D. Manuel. Menciona-se pelas suas muitas Letras..... III, 89
Chagas. V. *Pinheiro das Chagas.*
Châteaubriand. Menção da sua sepultura a beira do mar..... III, 23
Chave (A) do enigma. Cita-se a 1.ª edição d'essa obra..... III, 108
Cicero. Uma opinião sua sobre pontuação..... II, 46
Descobriu na Sicilia a sepultura do grande Archimédes..... III, 6
Um dito seu..... III, 47
Coelho (José Maria Baptista). Gravador lisbonense..... II, 127
Menciona-se..... III, 65
Collares (José Pedro). Assigna o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões em 1862..... III, 56
Commissão nomeada em 1836 para a busca dos ossos de Camões... III, 10, 11
Commissão (Nova) para a busca dos ossos de Camões em 1855..... III, 16
Conde da Barca. Menciona-se a sua apologia de Camões..... III, 18
Conde da Carreira. Cartas de Castilho a esse sabio aio dos Principes..... III, 73 e seg.

Conde do Farrobo. Assigna o auto da collocação da primeira pedra do monumento de Camões em 1862 ..... III, 55
Conde do Lavradio. Maneira como projectava utilisar em bem do Publico portuguez o convento de Carmelitas que adquiriu em Collares ..... III, 106
Conde de Linhares. Menciona-se... IV, 14
Condessa de Oeynhausen. Menciona-se ..... IV, 14
Confraternisação de homens estudiosos n'um retiro campestre... III, 107
Conselho dramatico. Diligencias que fez para que se representasse em Lisboa o drama *Camões*..... II, 23 e seg.
Consulta sua ao Governo sobre o assumpto ..... II, 27
Coração de Jesus (Frei José do) (Almeno). Morou no hospicio de Brancanes, na rua da Conceição, á praça das Flores..... III, 148
Corôas enviadas pelo actor João Caetano dos Santos a Castilho, com uma carta ..... IV, 26
Corrêa Leal (José Augusto). Membro da Commissão orthographica da Imprensa Nacional em 1843.. II, 34
Corrêa da Serra (Abbade José). Insta Castilho com M. M. Bordallo Pinheiro para que esculpa o busto d'esse erudito Academico..... III, 64
Correio (O) mercantil, periodico do Rio de Janeiro. Artigo sobre o actor João Caetano dos Santos . IV, 40

Artigo *Paginas menores* sobre o drama *Camões*..... IV, 41
Côrtes nas longuras do drama *Camões*..... IV, 29
Costa e Silva (**José Maria da**). Carta sua á *Revista Universal* sobre Filinto Elysio..... III, 39
Transcreve-se um trecho seu sobre o *Auto das boas estreias*..... III, 80
Costa de Sousa de Macedo (**D. Pedro da**). Assigna o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões em 1862... III, 56
Coutinho (**D. Gonçalo**). Manda gravar um epitaphio na sepultura de Camões..... III, 13
Coutinho. V. *Sousa Coutinho*
Cruz (**Antonio Diniz da**). Residiu na rua da Vinha ao Bairro alto.... III, 148
Culto dos mortos illustres. E' universal desde as civilisações rudimentares..... IV, 18
Culto do passado. E' ensino ao presente, e incitamento ao futuro.. IV, 16
Cunha. V. *Pereira da Cunha*
Cunha Rivara. (**Joaquim Heliodóro da**). Transcreve-se um trecho seu sobre Publia Hortencia de Castro III, 92
Curso de Lingua latina. Obra incompleta e ainda inedita de Castilho. Allusão rapida..... III, 73

D

Deducção chronologica. Cita-se... III, 116
Despedida da 1.ª edição do drama *Camões* ..... III, 163
Despedida da 2.ª edição do drama *Camões* ..... III, 165
Diario de Noticias. Artigo em 1904 intitulado *Casa onde morreu o poeta Castilho*..... IV, 5
Dom. Como um escrivão de Direito derrotou as falsas pretenções de certa senhora ao uso d'esse titulo II, 64
Dubos (Abbade). Uma opinião sua. III, 103
Dumas (Alexandre). O seu drama *D. João de Marana* tem prólogo II, 153
Duque de Palmella, Antonio de Sampaio e Pina. Demole parte da casa de Castilho na rua do Sol. Considerações n'esse triste assumpto..... IV, 5 e seg.
Officio seu á Camara Municipal de Lisboa ..... IV, 9
Duque de Saldanha. Presidente, em 1862, da Commissão dos subscritores para o monumento de Camões..... III, 32
Assigna o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões..... III, 55

E

Educação feminil. Considerações moraes ..... III, 66
Egreja. Vale mais que a escoja..... IV, 23
Emilio. Livro célebre de Rousseau, d'onde foi imitado outro livro, o *Eusebio* castelhano ..... II, 133
Eneida. N'esse poema reproduziu o grande Virgilio muitos passos da *Iliada* de Homero ..... II, 87
Eschines. As suas tragedias são ainda semi-barbaras ..... II, 145
Estatuária. Quanto vale para glorificação dos homens notaveis... III, 47
Estephania (Rainha D.) Esteve de visita na casa da rua do Sol n.º 124 ..... IV, 14
Esteves de Carvalho (Antonio). Assigna o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões em 1862 ..... III, 55
Euripides. Tragico grego. Ainda usou prologos postiços ..... II, 145
Eusebio. Livro castelhano de educação ..... II, 133

F

Familia. Os seus antigos laços espedaçaram-se com o teor da vida moderna..... IV, 21
Faria (**Eduardo de**). Antigo dono, por 1854, da *Typographia Universal*, onde muito se trabalhou em gravura ..... II, 137
Faria e Sousa (**Manuel de**). Cita-se III, 14
Farrobo. V. *Conde do Farrobo.*
Fecundações intellectuaes. A convivencia com um grande engenho é sempre util ..... III, 99
Feijóo. Cita-se o *Theatro critico* d'esse erudito castelhano, em certo trecho elogioso para a Lingua portugueza ..... III, 70
Outro trecho defendendo as mulheres..... III, 97
Feijóo (**João Maria**). Engenheiro; membro da Commissão da busca dos ossos de Camões em 1836.. III, 11
Fez parte da nova Commissão de 1855..... III, 16
Fernandes Thomaz (**Manuel**). Insta Castilho com M. M. B. Pinheiro para que esculpa o busto d'esse patriota liberal..... III, 64
Fernando II (**El-Rei D.**) Foi desenhador, pintor, gravador, escultor, architecto, e musico..... II, 135
Assignou o auto da collocação da primeira pedra do monumento de Camões em 1862 ..... III, 55

Ferreira (**Doutor Antonio**). Apreciação rápida da sua tragedia *Castro*; e das suas comedias *O cioso* e *Bristo*..... II, 151
Menciona-se esse erudito classico. III, 45
Ferreira (**Luiz Tiburcio**). Assigna o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões em 1862..... III, 55
Ferreira, Sá de Miranda, Bernardes, Camões, foram sequazes dos Antigos em muita coisa..... II, 148
Ferreira. V. *Pinhairo Ferreira*.
Ferreisa de Araujo e Castro (**Filippe**). Conduziu de París para Lisboa os restos mortaes de Filinto ..... III, 42
Ferreira Borges (**José**). Insta Castilho com M. M. Bordallo Pinheiro para que esculpa o busto d'esse politico..... III, 64
Ferreira de Vasconcellos (**Jorge**). Seu elogio. Colloca-o Castilho, a certos respeitos, logo abaixo de Gil Vicente..... II, 150
Escreveu prologos ás suas duas comedias *Ulysippo* e *Eufrosina*... II, 151
Menciona-se..... III, 45
Figaniére (**Jorge Cesar de**). Membro da Commissão orthographica da Imprensa Nacional em 1843.. II, 34
Filinto. Quanto lhe deveram a Poetica, a Liberdade, e a Lingua Portugueza..... III, 31
Trasladação dos seus ossos de Paris para Lisboa..... III, 31 e seg.

Modo, como Castilho commemorou na Revista Universal o 24.º anniversario do fallecimento de Filinto..... III, 35
Seu epitaphio latino por Timotheo Verdier..... III, 37
Ode sua aos Portuguezes..... III, 38
Castilho insinùa a Manuel Maria Bordalho Pinheiro que esculpa o busto de Filinto..... III, 64
Flacco (Valerio). Na sua *Argonautica* imitou a Apollonio de Rhodes.. II, 87
Flôr do Mar. Romance de Menaes Leal dedicado a Castilho..... II, 66
Folgosa. V. *Barão da Folgosa*.
Fonseca (Antonio Manuel da). Notavel pintor, mestre de Manuel Maria Bordalho Pinheiro..... III, 59
Fonseca Magalhães (Rodrigo da). Papel que tomou na trasladação dos ossos de Filinto para Lisboa III, 34
Fez parte em 1845 de uma Commissão para angariar donativos para se erigir um tumulo a Filinto... III, 41
Foros de poetas..... III, 77
Fortis (Leone). Autor do poema *Os ultimos momentos de Camões*.... III, 122
Fortuna e Natureza. Parece que desde o principio do mundo andam dissociadas ..... III, 103
Francez. Lingua pobre..... III, 70 nota.
Franco (Padre Antonio Francisco). Prior da Pena em 1855..... III, 17
Freitas V. *Senna Freitas*
Furtado de Mendonça. V. *Lima Furtado de Mendonça*

G

Garrett. V. *Almeida Garrett.*
Goethe. O seu *Fausto* é precedido de prologo..... II, 153
Gonçalves Braga (Francisco). Carta a Castilho noticiando-lhe a representação do *Camões* no Rio II, 16
Versos a Camões..... IV, 55, 63
Gonçalves da Camara (Padre Luiz). Confessor d'el-Rei D. Sebastião. III, 110
Gonçalves da Camara (Martim). Mandou gravar versos latinos na campa de Camões..... III, 14
Explica-se o mau papel que lhe coube no drama *Camões*, seguindo asserções de contemporaneos d'elle ..... III, 109 e seg.
Grande (Doutor José Maria). Par do Reino, Presidente do Conselho dramatico. Quanto se empenhou em que se representasse em Lisboa o drama *Camões*.... II, 23
Gravura. Considerações sobre ella como arte util; e narrativa da sua implantação na Ilha de S. Miguel II, 122
Sua generalisação; suas vantagens II, 126
Noções práticas d'essa arte..... II, 127
Fundou-se d'ella uma aula na Academia das Bellas Artes..... II, 136
Gruta de Camões em Macau. Sua descripção por Frederico Leão Cabreira..... III, 152 e seg.

Sua descripção por Carlos José Caldeira..... III, 157 e seg.
Guedes (José Isidoro). Assigna o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões em 1862..... III, 55

H

Henrique (D.) **Infante de Portugal**. Foi insigne cosmógrapho..... II, 135
Herculano (Alexandre). Membro da Commissão orthographica da Imprensa Nacional em 1843..... II, 34
Homens notaveis Tudo que se lhes refere é por assim dizer sagrado III, 147
Homero. Segundo os seus detractores, não passou de plagiario de Orpheu e Lino..... II, 91
Honras posthumas conferidas a benemeritos. Quanto valem como estímulo..... III, 5
Horacio. Cita-se..... II, 132

I

Ilhargas de Reis. Considerações sobre o valimento de Martim Gonçalves da Camara com el-Rei D. Sebastião..... III, 109

Iliada de Homero. Foi muito imitada por Virgilio..... II, 87
Imprensa periódica. Tem trazido grandes vantagens geraes, mas trouxe indiscutivel ruina á vernaculidade..... II, 61
Iris (O) periodico do Rio de Janeiro, em 30 de Abril de 1849 menciona a remessa que fez Castilho do manuscrito do drama *Camões* a S. M. o Imperador do Brazil.... II, 85
Irmandade de S. Chrispim. Presta-se a auxiliar as buscas dos ossos de Camões..... III, 17
Itaúna. V. *Barão de Itaúna.*

J

Japurá. V. *Barão de Japurá.*
Jazente. V. *Cabral.*
Jesus (D. Guiomar de). Mencionam-se obras suas..... III, 95
João V (El-Rei D.) Favoreceu os estudos, principalmente os historicos..... III, 101
Jornal do Commercio (do Rio de Janeiro). Artigo sobre o drama *Camões*, e o actor Santos..... IV, 39
Juromenha. V. *Visconde de Juromenha.*

K

Klopstock. Do choupo plantado junto ao seu tumulo em Hamburgo guardava Castilho uma folha.... III, 23

Krus (Carlos). Assigna o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões em 1862 III, 55

L

Laborim. Vide *Visconde de Laborim.*

Lambert (Alfredo). Curioso na arte da gravura..... II, 125

Latim. Quanto vale e quanto serve o seu estudo para o da Lingua portugueza..... III, 66

El-Rei D. Sebastião era muito sabedor d'essa riquissima Lingua.... III, 66

Considerações sobre a alta utilidade do seu estudo..... III, 67 e seg.

Quem o saiba ensinar com amenidade e logica, alcança resultados pasmosos nos discipulos..... III, 69

N'elle se contém o Portuguez, e n'este se contém o Latim..... III, 70

N'essa Lingua escreviam el-Rei D. Manuel, el-Rei D João III, e el-Rei D. Sebastião..... III, 85, 86

Lavradio. V. *Conde do Lavradio.*

Leal. V. *Corrêa Leal, Silva Leal, Mendes Leal.*

Leão V. *Nunes do Leão.*
Lei que proteja efficazmente os monumentos nacionaes é indispensavel..... IV 7
Leitão de Andrada (Miguel). Mandou collocar uns azulejos perto da sepultura de Camões..... III, 14
Leite (Luiz Fillipe) Autor de um romancinho *Os afogados*..... II, 124
Curioso na arte da gravura..... II, 125
Mencionado de passagem..... III, 65
Era em 1848 obsequioso secretario de Castilho em Ponta Delgada.. III, 82
Leite (Pedro de Alcantara) (Pae do antecedente). Curioso na arte de gravura..... II, 125
Leonor (Rainha D.) Menciona-se por illustrada..... III, 88
Liberdade. Deve ser um meio, e não um fim..... III, 104
Lima. V. *Torres de Lima.*
Lima Furtado de Mendonça (D. Marianna). Curiosa na arte de gravura ..... II, 125
Lingua portugueza. Seus louvores. II, 60
Linguagem. Considerações sobre a que o autor empregou no drama *Camões* ..... II, 57
Linhares. V. *Conde de Linhares*
Livreiros de Lisboa. Recusaram-se a publicar o drama *Camões*; com que pretexto..... II, 86
Livros escolares. Quando desleixadamente escritos, teem trazido grande ruina á vernaculidade... II, 61
Lobo (D. Francisco Alexandre).

Bispo de Vizeu. Citam-se as suas investigações sobre Camões.... II, 78 III, 18
Lobo d'Avila (Joaquim Thomaz). Assigna o auto da collocação da primeira pedra do monumento de Camões em 1862..... III, 55
Logares memoraveis..... III, 147 e seg.
Additamento sobre a demolição de parte da casa mortuaria de Castilho em Lisboa..... IV, 5 e seg.
Loulé. V. *Marquez de Loulé.*
Luiz Filippe, Rei de França. Foi mathematico distincto..... II, 135
Luiz XIII, Rei de França. Aprendeu o officio de canastreiro..... II, 135
Luiz XVI, Rei de França. Aprendeu a serralheiro..... II, 135
Luz (José Lourenço da). Menciona-se..... III, 39

M

Macedo (Padre José Agostinho de). O Visconde de Juromenha rebate uma opinião d'elle..... III, 18
Macedo. V. *Costa de Sousa de Macedo, Tavares de Macedo.*
Machado. V. *Barbosa Machado*
Magalhães. V. *Fonseca Magalhães, Sousa Pinto de Magalhães.*
Manuel (El-Rei D.) Transcripção de uma sua disposição policial.... III, 66

Marecos. V. *Pereira Marecos.*
Maria (Infanta D.) A sua introducção no drama *Camões* é anachronismo ..... III, 84
Maria, Princeza de França filha d'el-Rei Luiz Filippe ..... II, 135
Maria (A Senhora D.) Neta d'el-Rei D. Manuel. Menciona-se como pessoa instruida ..... III, 88
Mariz (Pedro de). Cita-se ..... III, 14
Marialva. V. *Marquez de Marialva*
Marquez de Loulé. Assigna o auto da collocação da primeira pedra do monumento de Camões em 1862 ..... III, 55
Marquez de Marialva. Auxiliou a Filinto Elysio em Paris, e custeou o seu funeral ..... III, 36
Marquez de Palmella. Mandou assignalar a sepultura de Filinto no cemiterio de Paris ..... III, 36
Marquez de Souza Holstein. Quando Inspector da Academia Real das Bellas Artes de Lisboa, fundou a aula de gravura ..... II, 136
Marrare (Botequim do). Era em Lisboa, no Chiado ..... IV, 33
Mascarenhas (Braz Garcia de). Citam-se dois versos seus ..... IV, 22
Mascarenhas (D. Carlos de). Menciona-se ..... IV, 14
Memorias de Castilho. Allusão a ellas ..... IV, 35
Mendes Leal. V. *Silva Mendes Leal.*
Mendonça. V. *Lima Furtado de Mendonça.*

Meneses (D. Manuel de). Cita se a sua *Chronica d'el-Rei D. Sebastião* ..... III, 67, 116, 121
Meneses. V. *Visconde de Menezes*.
Miranda. V. *Sá de Miranda*.
Moliére. Imitou muito a Plauto..... II, 91
Pôz prologos em algumas das suas obras ..... II, 153
Momentos (Os ultimos) de Camões. Poemeto dramatico italiano de Fortis vertido em portuguez por Mendes Leal..... III, 122 e seg
Moniz (Lourenço José). Membro da Commissão orthographica da Imprensa Nacional em 1843..... II, 34
Monte-Alverne (Padre Frei Francisco de), Celebre pregador brazileiro. Teve a honra de receber uma visita do seu Imperador o senhor D. Pedro II..... ..... II, 142 e seg
Moraes Pereira (João Luiz de). Curioso de arte da gravura em S. Miguel..... II, 123
Morada de Camões em Lisboa .... III, 146
Mouro de Sousa (Diogo). Manuscrito seu do anno 1638, que menciona a sepultura de Luiz de Camões ..... : ..... III, 14
Juromenha dá o maior valor á opinião d'elle ..... III, 18

N

Napoleão. Cita-se ..... II, 132
Suas alfaias conservadas em Londres ..... III, 147
Natureza e Fortuna. Parece que desde o principio do mundo andaram desavindas ..... III, 103
Nogueira da Silva. Desenhador e gravador ..... II, 137
Noronha (D. Leonor de). Filha do Marquez de Villa Real. Suas obras, e seu talento ..... III, 94
Nota I. Noticia complementar sobre a representação do drama *Camões* ..... II, 7 e seg.
Nota II. Orthographia ..... II, 30
Nota III. Pontuação ..... II, 45
Nota IV. Linguagem ..... II, 57
Nota V. Tratamentos ..... II, 64
Nota VI. Verdade ..... II, 78
Nota VII. Originalidade ..... II, 83
Nota VIII. Gravura ..... II, 122
Nota IX. O senhor D. Pedro II Imperador do Brazil ..... II, 138
Nota X. Prologos ..... II, 144
Nota XI. Honras posthumas ..... III, 5
Nota XII. Policia ..... III, 66
Nota XIII. Latim ..... III, 66
Nota XIV. Foros de poetas ..... III, 77
Nota XV. Auto das boas estreias ... III, 79
Nota XVI. Talentos feminís ..... III, 84
Nota XVII. Fecundações intellectuaes III, 109
Nota XVIII. Ilhargas de reis ..... III, 109

Nota XIX. Aforismos para reinantes III, 121
Nota XX. Os ultimos momentos de Camões ..... III, 122
Nota XXI. Morada de Camões em Lisboa ..... III, 146
Nota XXII. Logares memoraveis... III, 147
Nota XXIII. Despedida da 1.ª edição III, 163
Nota XXIV. Despedida da 2.ª edição III, 165
Noticia sobre a representação do drama *Camões* no Rio de Janeiro em 1855..... II, 7
Nunes do Leão (Duarte). Extrato das suas *Leis extravagantes*.... III, 66

O

Oeynhausen. V. *Condessa de Oeynhausen.*
Originalidade do drama *Camões.* Considerações leaes..... II, 83 e seg.
Appenso dos editores á respectiva Nota de Castilho..... II, 95 e seg.
Orthographia. Considerações n'esse emaranhado assumpto..... II, 30
Conferencias estabelecidas em 1842 na Imprensa Nacional para simplificação ou regularisação da graphia portugueza..... II, 30
A dos livros portuguezes é cahotica em geral; a dos livros de Castilho é o muito principalmente, porque o autor não escrevia por sua mão..... II, 30

Quando é singela, facilita immenso o estudo da leitura..... II, 36
A sua simplificação não é só questão literaria; é auxilio poderoso ao derramamento da leitura.... II, 38 e seg.
Ainda hoje continúa no antigo cahos ..... IV, 31
Osorio (D. Jeronymo). Bispo de Silves. Toma-se esse sabio por testmunha em certo pleito moral e historico ..... III, 110 e seg.
Ossos de Camões. Propõe Castilho a trasladação d'elles para um cemiterio de honra..... III, 26 e seg,
Ovidio. Cita-se..... II, 42
Outra vez ..... II, 132
Tomou muito aos poetas gregos.. II, 87

P

Padrões commemorativos de sitios notaveis são utilissimos..... IV, 16
Palmella. V. *Duque de Palmella, Marquez de Palmella.*
Panorama (O). Jornal lisbonense, onde se tentou a gravura em 1839 II, 136
Pedro, Czar da Russia. Aprendeu a ferreiro, carpinteiro, e calafate.. II, 135
Pedro (D.) II, Imperador do Brazil. Motivos pelos quaes Castilho dedicou a S. M. I. o drama *Camões* II, 138
Esteve de visita na casa da rua do Sol 124..... IV, 14

Pedro (D.) IV, de Portugal. Foi torneiro, musico, e militar..... II, 135
Pedro (D.) V, de Portugal. Esteve de visita na casa da rua do Sol 124 IV, 14
Pedroso (Francisco). Gravador e pintor notavel portuguez..... II, 136, 137
Pereira. V. *Moraes Pereira*
Pereira da Cunha (Antonio). Segundo diziam os seus invejosos, tinha roubado a outrem o seu drama *As duas filhas*..... II, 91
Pereira Marecos (José Frederico). Um dos instauradores da Commissão orthographica de 1842.. II, 30
E' mandado pelo Governo a Paris e Londres em 1843..... II, 35
Menciona-se ..... IV, 31
Pereira Serzedello (Antonio José). Assigna o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões em 1862..... III, 56
Pereira da Silva (Gaspar). Assigna o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões em 1862..... III, 55
Pessanha. V. *Silva Pessanha*.
Pessoa. V. *Carvalho Pessoa*.
Pinheiro. V. *Bordallo Pinheiro*.
Pinheiro das Chagas (Joaquim). Major, Secretario particular d'el-Rei D. Pedro V. Menciona-se... IV, 14
Pinheiro Ferreira (Silvestre). Membro Presidente da Commissão orthographica da Imprensa Nacional em 1843..... II, 34
E' consultado sobre o modo da

trasladação dos ossos de Filinto para Lisboa..... III, 34
Faz parte em 1845 de uma Commissão para angariar donativos para se erigir um tumulo a Filinto..... III, 41
Insta Castilho com Manuel Maria Bordallo Pinheiro para que esculpa o busto d'esse insigne publicista ..... III, 64
Pinto de Campos (Joaquim). Monsenhor, e sabio Prelado brazileiro, autor de *Apontamentos biographicos* de S. M. o Imperador do Brazil D. Pedro II..... II, 142
Pinto de Magalhães. V. *Sousa Pinto de Magalhães.*
Plauto. Usou de prologos nas suas comedias ..... II, 145
Poderosos. Receberam da Providencia procuração para protegerem o seu semelhante..... III, 101
Poesia. E' uma especie de fidalguia da alma..... III, 102
Poetas (Foros de). Carlos IX de França, D. Sebastião de Portugal, Ronsard, e Camões..... III, 77
Policia. Menção de uma antiga providencia policial portugueza.... III, 66
Pontuação. Considerações sobre o assumpto ..... II, 45 e seg.
Não serve só para descanço dos pulmões; tem altas intenções artisticas..... II, 47
Entre os Antigos era rudimentar.. II, 48
Quanto os seus signaes actuaes ser-

vem mal as exigencias da declamação ..... II, 49
Propõe se a medo a ampliação dos seus signaes..... II, 51
Prestes (Antonio). Menciona-se ... III, 45
Prologos. Seria util que os modernos dramaturgos os antepozessem a algumas das suas obras theatraes..... II, 155
Dissertação sobre essa fórma de predispôr o espirito dos espectadores para a audição de dramas e comedias..... II, 144
Propriedade. O seu direito tem limites ..... IV, 20

Q

Quadros dos scenarios do drama *Camões*, pintados a oleo pelo scenographo brazileiro em 1855 ... IV, 27
Quinault. Menciona-se..... II, 153
Quintiliano. Cita-se um trecho das suas *Instituições oratorias*..... II, 56

R

Racine. Menciona-se um exemplar das suas tragedias que pertencêra ao grande Talma..... II, 49
Inspirou-se muitissimo nos poetas gregos..... II, 87
Ramalho e Sousa (André Joaquim). Membro da Commissão orthographica da Imprensa Nacional em 1843 ..... II, 34
Raposo do Amaral (José Maria). Michaelense, curioso da arte de gravura..... II, 125
Rebello da Silva (Luiz Augusto). Membro da Commissão orthographica da Imprensa Nacional em 1843..... II, 34
Redondo (Padre F.) Capellão das Freiras de Sant'Anna em 1855.. III, 16
Regencia do Reino pela sahida d'el-Rei D. Sebastião. De quem se compôz..... III, 118
Regnard. Tomou de Plauto os seus *Menechmos* ..... II, 92
Parentesco da sua comedia *Desejos* com o *Auto da feira* de Gil Vicente..... II, 150
Representação do drama *Camões* no Rio de Janeiro em 1855. Noticia..... II, 7
Retratistas. Uns primam pela fidelidade servil com que representam os seus modelos; outros pela

verdade com que lhes reproduzem o moral ..... II, 79, 80
Revista Universal Lisbonense. O que disse em Janeiro de 1843 acerca da Commissão orthographica da Imprensa Nacional.... II, 32 e seg.
Ribeiro dos Santos (Antonio). Morou na rua do Sacramento da Lapa ..... III, 149
Riensi (Louis de). Francez autor de versos collocados na gruta de Camões em Macau..... III, 161
Rivara. V. *Cunha Rivara.*
Rodrigues (Francisco de Assis). Lente de escultura, membro da Commissão da busca dos ossos de Camões em 1836..... III, 11
A rogos de Castilho elabora em 1836 um projecto de monumento a Camões..... III, 43
Menciona-se ..... III, 45
Rojas (D. Antonia de). Menciona-se o que diz d'ella o *Theatro heroino* III, 94
Ronsard. Seu rapido paralello com Camões..... III, 78
Rousseau. Menciona-se o seu tumulo em Ermenonville..... III, 23

S

Sá da Bandeira (Visconde de). Assigna o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões em 1862..... ..... III, 55
Sá de Miranda. Ferreira, Bernardes, Camões. Foram sequazes dos Antigos em muita coisa..... II, 148
Sá de Miranda, (Francisco de). As suas comedias *Os Vilhalpandos* e *Os Estrangeiros* teem prologo..... ..... II, 152
Saldanha. V. *Duque de Saldanha.*
Sampaio. V. *Camara Sampaio.*
Sanches de Baêna. V. *Visconde de Sanches de Baêna.*
San-Luiz (D. Frei Francisco de). Insta Castilho com Bordallo Pinheiro para que esculpa o busto d'esse sabio Cardeal Academico..... III, 64
Santarem. V. *Visconde de Santarem.*
Sant'Iago (Francisco de Paula). Assigna o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões em 1862..... III, 65
Santos (João Caetano dos). Representou no Rio de Janeiro o drama de Arago *A Gargalhada*. II, 7
Como e quando leu o drama *Camões* .... II, 7
Quanto auxiliou e valeu ao notavel e infeliz Thiago Arago..... II, 7 e seg

Carta a Castilho noticiando-lhe o incendio do Theatro de S. Pedro no Rio de Janeiro..... II, 22
Considerações sobre esse eximio actor.. ..... IV, 25
Corôas que envia a Castilho..... IV, 26
Santos. V. *Ribeiro dos Santos*.
Saraiva (Cardeal). V. *San-Luiz*.
Seabra (Antonio Luiz de). Assigna o auto da collocação da primeira pedra do monumento de Camões em 1862 ..... III, 55
Sebastião (El-Rei D.). Tem lenda, como o Arthur da tavola-redonda ..... III, 5
Seu epitaphio em Santa Maria de Belem ..... III, 6
Seu paralello com el-Rei Carlos IX de França ..... III, 78
Seculo (O). Jornal lisbonense. Artigo sobre uma sessão da Camara Municipal..... IV, 6
Menciona-se um seu bello artigo *O culto do passado*..... IV, 8
Semana (A). Jornal do Rio de Janeiro. Artigo sobre o drama *Camões*, intitulado *O poeta e o artista*..... IV, 44
Seneca. Cita-se ..... II, 132
Senna Freitas (Bernardino José de). Em 1847 leu a Castilho um drama francez *Camoëns* ..... II, 83, 96
Ascendencia e descendencia de Senna Freitas ..... II, 96, nota
Serra. V. *Corrêa da Serra*
Serzedello. V. *Pereira Serzedello*.

Sigeia (Angela). Cita-se a sua erudição e prendas ..... III, 92
Sigeia (Luiza). Menciona-se, pelo muito que era instruida ..... III, 90
Silva (A. M.) Articulista, que no jornal *O Patriota* se divertiu a atacar a Commissão orthographica da Imprensa Nacional ..... II, 33
Silva (D. Helena da). Religiosa do seculo XVI. Citam-se obras suas . III, 95
Silva (Innocencio Francisco da) Trecho do seu *Diccionario* sobre Filinto ..... III, 42
Transcreve-se o que disse do *Auto das boas estreias* ..... III, 81
Silva. V. *Costa e Silva*, *Pereira da Silva*, *Rebello da Silva*.
Silva Mendes Leal (José da). Membro da Commissão orthographica da Imprensa Nacional em 1843.. II, 34
Dedicou a Castilho o seu romance *Flor do mar* ..... II, 66
Censura o tratamento em 3.ª pessoa usado geralmente em logar de *Vós* ..... II, 66
Conforme o injusto dizer dos seus detractores, foi plagiario..... II, 91
Imitou e nacionalisou um autor estrangeiro no seu drama O *tributo das cem donzellas*..... II, 92
Assignou o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões em 1862 ..... III, 55
Sua traducção do poema dramatico de Fortis *Os ultimos momentos de Camões* ..... III, 122 e seg.

Silva Pessanha (D. José da). Agradecimento a elle por buscas que fez na Torre do Tombo..... II, 97 nota

Silva Tullio (Antonio da). Membro da Commissão orthographica da Imprensa Nacional em 1843.... II, 34

Autor de certo artigo na *Revista Universal*..... III, 55

Transcreve-se um artigo seu sobre o lançamento da primeira pedra do monumento de Camões..... III, 50 e seg.

Assigna o auto da collocação..... III, 55

Silveira Junior (Ignacio Pedro da). Michaelense curioso da arte de gravura..... II, 125

Sousa (Joaquim Pedro de). Secretario da Commissão do monumento de Camões ..... III, 55

Sousa (Frei Luiz de). Menciona-se a sua residencia no convento de S. Domingos de Bemfica..... III, 149

Sousa V. *Castro e Sousa*, *Faria e Sousa*, *Mouro de Sousa*, *Ramalho e Sousa*.

Sousa Botelho (D. José Maria de). Morgado de Matteos. Menciona-se a sua rica edição de Camões. III, 18

Sousa Coutinho (D. Rodrigo de). Em 1802 preparava uma edição dos *Lusiadas*..... III, 18

Sousa Holstein. V. *Marquez de Sousa Holstein*

Sousa de Macedo. V. *Costa de Sousa de Macedo*

Sousa Pinto de Magalhães (João de). Membro da Commissão or-

thographica da Imprensa Nacional em 1843..... II, 34

T

Tacito. Um dito seu..... III, 47
Talentos. Maneira de se utilisarem. III, 103 e seg.
Talentos Feminis. Mencionam-se algumas senhoras notaveis por sua illustração, e pugna-se em favor da instrucção do seu sexo..... III, 84 e seg.
Talma. Esse grande actor possuiu e annotou um exemplar das obras de Racine. Viu-o em Paris por 1830 José Feliciano de Castilho. II, 49
Tasso (Bernardo). Foi muito imitado por Ariosto..... II, 87
Tavares de Macedo (José). Relator da Commissão de 1855 para a busca dos ossos de Camões.... III, 18
Teixeira de Vasconcellos (Antonio Augusto). Transcreve-se um seu bello artigo sobre Tratamentos..... II, 70 e seg.
Tempo. Como e quanto altéra no correr dos seculos a feição moral dos homens grandes..... II, 80
Terencio. Traducção em verso do prologo da sua *Andria*..... II, 92
Traducção em verso de um fragmento do seu *Heautontimorumenos*..... II, 93

Usou de prologos nas suas comedias ..... II, 146
Theatro. Tem com as suas peças mal escritas ou mal traduzidas introduzido grande ruina na vernaculidade ..... II, 61
Theatro portuguez. Desenvolveu-se modernamente de modo consideravel ..... III, 101
Tolentino (Nicolau). Julgava Castilho (enganadamente) ter o poeta fallecido na rua do Arco do Marquez, quando a verdade é que morou e falleceu na dos Cardaes de Jesus..... III, 149
Trasladação dos ossos de Camões para um cemiterio de honra.... III, 26
Torres de Lima (Luiz de). Autor dos *Avisos do Ceo*. Citam-se palavras d'elle..... III, 115
Tratamentos. Considerações sobre a anarchia dos tratamentos em Portugal ..... II, 64 e seg.
Tullio. V. *Silva Tullio*.

U

Utopias. Deixal-as ir correndo; são como o vento; levam em si muita semente util..... III. 102

V

Vasconcellos (Luiz de). Natural de S. Miguel. Entreteve-se em gravura ..... II, 122
Vasconcellos. V. *Ferreira de Vasconcellos*, e *Teixeira de Vasconcellos*.
Vaz (Joanna). Menciona-se o seu muito saber ..... III, 93
Vaz de Carvalho (Gonçalo). Membro da Commissão que buscou em 1836 os ossos de Camões ... III, 11
Vega (Dionisio). Autor da symphonia intitulada *As lagrimas de Camões* ..... IV, 26
Verdade. Considerações sobre o subtitulo do drama *Camões* «estudo historico» ..... II, 78
Verdier (Timotheo). Em 1820 compôz o epitaphio latino de Filinto III, 37
Vicente (Gil). Esboço da sua alta personalidade literaria ..... II, 147
Seus fundos sentimentos de amor patrio transparecem nas suas obras ..... II, 148
Enumeram-se os prologos das suas obras theatraes ..... II, 149
E' o Adão do nosso theatro ..... II, 156
Como poeta dramatico é muito superior a Camões ..... III, 45
Vicente (Luiz). Filho do grande Gil. Palavras suas a el-Rei D. Sebastião ..... III, 87

Vicente (Paula). Irman do antecedente. Menciona-se o seu engenho ..... III, 93
Vieira (Padre Antonio). Residiu na Quinta da Madre de Deus no Seixal, e muito provavelmente no hospicio do Maranhão na rua de S. Marçal em Lisboa..... III, 148
Virgilio Segundo os seus zoilos Bávio e Mévio, não passou de plagiario de Homero ..... II, 91
Cita-se ..... II, 132
Menciona-se o seu tumulo no Pausilippo ..... III, 23
Viriato tragico. Citam-se dois versos d'esse poema..... IV, 22
Visconde de Juromenha. Cita-se a sua *Vida de Camões*..... II, 78, 81
Transcreve-se um trecho d'essa obra..... III, 13
Extrato da mesma ..... III, 146
Visconde de Laborim. Assigna o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões ..... III, 55
Visconde de Meneses. Assigna o auto da collocação da primeira pedra no monumento de Camões ..... III, 55
Visconde de Sanches de Baêna. Traz na forja um desenvolvido estudo genealogico da modesta estirpe dos Castilhos, documentado e authenticado..... III, 109
Visconde de Santarem. Insta Castilho com Bordallo Pinheiro pae, para que esculpa o busto d'esse notavel erudito..... III, 64

Você. Propõe Teixeira de Vasconcellos esse tratamento geral em logar do *Vós*..... II, 75
Insurge-se Castilho contra esse alvitre..... II, 76 e seg.
Voltaire. Imitou a Sóphocles no seu *Edipo*..... II, 87
As suas mil bengalas suppostas.... III, 147
Vós. Pugna-se pela adopção geral d'esse tratamento..... II, 67 e seg.

W

Walker (Henrique). Curioso na arte de gravura..... II, 125

Z

Zorrilla (D. José). Citam-se dois versos seus..... IV, 23

FIM DO IV E ULTIMO VOLUME

PQ
9261
C34C3
1906
v.4

Castilho, Antonio Feliciano de
Camões 3. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 06 02 13 007 5